



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA
CAMPUS SÃO BERNARDO
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS - SOCIOLOGIA

LUCIDALVA PEREIRA DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO: um estudo
de caso na Escola Municipal Maria Coelho em São Bernardo - MA

São Bernardo – MA

2019

LUCIDALVA PEREIRA DA SILVA

A IMPORTÂNCIA DA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO: um estudo de caso na Escola Municipal Maria Coelho em São Bernardo - MA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas - Sociologia.

Orientadora: Prof^a. Esp. Marinéa Costa Marinho.

São Bernardo – MA

2019

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Silva, Lucidalva Pereira da.

A importância da afetividade entre professor e aluno :
um estudo de caso na Escola Municipal Maria Coelho em São
Bernardo-MA / Lucidalva Pereira da Silva. - 2019.

53 f.

Orientador(a): Marinéa Costa Marinho.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas -
Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São
Bernardo, 2019.

1. Afetividade. 2. Aprendizagem. 3. Relação
professor-aluno. I. Marinho, Marinéa Costa. II. Título.

LUCIDALVA PEREIRA DA SILVA

A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO: um estudo de caso na Escola Municipal Maria Coelho em São Bernardo - MA

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura em Ciências Humanas – Sociologia, da Universidade Federal do Maranhão, Campus São Bernardo, para obtenção do grau de Licenciado em Ciências Humanas - Sociologia.

Orientadora: Prof^ª. Esp. Marinéa Costa Marinho.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Esp. Marinéa Costa Marinho (Orientadora)

Especialista em Docência do Ensino Superior pela Faculdade Santa Fé
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

Prof^º. Dr^º. Thiago Pereira Lima (1º Examinador)

Doutor em Políticas Públicas pela Universidade Federal do Maranhão
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

Prof^º. Dr^º. Josenildo Campos Brussio (2º Examinador)

Doutor em Psicologia Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Universidade Federal do Maranhão – Campus São Bernardo

À minha filha Ana Dávilla, pelo seu
companheirismo. Que mesmo sendo tão
jovem, compreende a importância dessa
conquista para mim. Te amo filha!

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por sempre permanecer ao meu lado, me fortalecendo e, alicerçando minha fé, para suportar os momentos de angústias. Sei que sem presença nessa trajetória não seria possível realização deste sonho.

Agradeço a minha família, em especial, a minha querida filha Ana Dávilla, pela paciência e companheirismo em me acompanhar todos os dias às aulas. És minha grande inspiração para perseverar em todos os dias os dias por um amanhã melhor. Te amo!

Agradeço também a minha irmã Sandra, sendo também, companheira de sala de aula. Sou grata, por todo o amor e apoio que me forneceu no decorrer desta trajetória acadêmica, dividindo as alegrias e angústias que surgiram no decorrer deste curso.

Aos meus queridos amigos do curso de Ciências Humanas, vocês são ótimos amigos e parceiros nesta caminhada, um grande abraço.

Um agradecimento especial à minha orientadora, a professora Marinéa Costa Marinho. Obrigado por aceitar o convite de orientação deste trabalho, assim como, pela sua paciência nas orientações. Suas palavras foram de grande importância para a realização deste estudo.

Agradeço a todos os professores do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, por todo o incentivo a não desistir e, conhecimento adquirido em suas aulas. A contribuição dos mesmos foi essencial para o meu processo de formação profissional.

Enfim, sou grata a todos (a) que direta ou indiretamente colaboraram para a realização deste sonho, aqui fica meu muito obrigado.

“Ter consciência das relações afetivas que ocorrem de forma sensível e predominante nos momentos de mediação cotidianas está em consonância com a ideia de educação mais humana [...]”.

Wallon

RESUMO

O presente estudo intitula-se “**A IMPORTANCIA DA AETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO**”: um estudo de caso na Escola Municipal Maria Coelho em São Bernardo – MA”. Trata-se de uma análise das relações de afetividade que se estabelecem entre os professores e estudantes da instituição municipal de ensino público, a Escola Municipal Maria Coelho, localizada na zona urbana da cidade de São Bernardo – MA. Por meio desta pesquisa foi possível construir um quadro analítico das percepções de alunos e professores possuem sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem do estudante. No caso da pesquisa em foco, por se trata de uma investigação acerca dos aspectos simbólicos, optou-se pelo emprego de métodos qualitativos. A metodologia aplicada na realização do estudo envolve pesquisa bibliográfica e de campo. Optou-se pelo uso de um questionário estruturado para professores e alunos para a coleta dos dados, ou seja, para a apreensão das percepções de alunos e professores possuem sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem do estudante. A pesquisa foi aplicada junto a quatro (4) professores, com idades que variam de 32 a 50 anos de idade. Os alunos que participaram da pesquisa, foram 44 estudantes com idades que variam de 12 a 15 anos de idade, sendo vinte três (23) do sexo feminino e vinte e um (21) do sexo masculino. Portanto, com base nos dados obtidos no estudo, vê-se que o processo de aprendizado encontra-se intimamente interligado os aspectos afetivos que são desenvolvidos e construídos no ambiente escolar. Onde as práticas educacionais devem estar constantemente relacionadas com a afetividade e com o comprometimento do educador com o aprendizado do educando, proporcionando assim, um desenvolvimento cognitivo efetivo dos educandos.

Palavras-chave: Afetividade. Relação Professor-Aluno. Aprendizagem.

ABSTRACT

The present study is entitled “THE IMPORTANCE OF THE TEACHER AND STUDENT: A Case Study at Maria Coelho Municipal School in São Bernardo - MA”. This is an analysis of the relationships of affection that are established between the teachers and students of the municipal institution of public education, Maria Coelho Municipal School, located in the urban area of São Bernardo - MA. Through this research it was possible to build an analytical framework of the perceptions of students and teachers have about the importance of affectivity in the student learning process. In the case of the research in focus, because it is an investigation about the symbolic aspects, it was decided to use qualitative methods. The methodology applied to the study involves bibliographic and field research. We opted for the use of a structured questionnaire for teachers and students for data collection, ie, for the apprehension of the perceptions of students and teachers have about the importance of affectivity in the student learning process. The research was applied to four (4) teachers, with ages ranging from 32 to 50 years old. The students who participated in the research were 44 students with ages ranging from 12 to 15 years old, being twenty three (23) female and twenty one (21) male. Therefore, based on the data obtained in the study, it can be seen that the learning process is intimately interconnected with the affective aspects that are developed and built in the school environment. Where educational practices must be constantly related to the affectivity and the commitment of the educator with the learning of the student, thus providing an effective cognitive development of the students.

Keywords: Affectivity. Teacher-Student Relationship. Learning.

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – As aulas dos seus professores te ajudam a aprender?.....	39
Gráfico 2 – Os seus professores escutam sua opinião?.....	40
Gráfico 3 – Você se sente a vontade para participar das aulas?.....	42
Gráfico 4 – Você acha que seus professores se preocupam se você compreendeu o conteúdo.....	44

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.	10
1. CONCEITO E CONCEPÇÃO HISTÓRICA.	12
1.1 Afetividade segundo a concepção de Henri Wallon	14
1.2 A importância da Afetividade segundo Henri Walln	15
2. A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO NAS ESCOLAS	19
2.1. A Afetividade nas etapas da educação	21
2.2. Afetividade como ferramenta de mudança	24
3. A RELAÇÃO DE AFETIVIDADE ENTRE ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL MARIA COELHO	32
3.1 Os professores e a afetividade	33
3.2 A Afetividade no processo de aprendizagem dos alunos	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA O DOCENTE	51
APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO	52
APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	53

INTRODUÇÃO

O presente estudo intitula-se “**A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO:** um estudo de caso na Escola Municipal Maria Coelho em São Bernardo – MA”. Trata-se de uma análise das relações de afetividade que se estabelecem entre os professores e estudantes da instituição municipal de ensino público, a Escola Municipal Maria Coelho, localizada na zona urbana da cidade de São Bernardo – MA. Por meio desta pesquisa foi possível construir um quadro analítico das percepções de alunos e professores possuem sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem do estudante.

Sabemos que tal interação e relação entre aluno e professor são de fundamental importância no processo de aprendizagem. Devendo estar presente em todas as etapas de aprendizado, pois, compete ao professor estabelecer maneiras de se promover a aprendizagem de diversos alunos, deste modo a relação entre aluno no processo de aprendizagem pode ser descrita como um critério determinante.

Vieira e Lopes (2010, p.20) descrevem que a “afetividade e a razão constituem conceitos que se complementam: a afetividade é o suporte que dá sentido à ação, enquanto a razão é o que possibilita ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e se empenhar em obter êxito nessas ações”. Diante disso, o professor é encarregado de estimular o aluno no processo de aprendizado, desta forma uma boa relação entre estes tornar-se um fator fundamental para a obtenção de bons resultados.

O afeto é tido como componente essencial para a construção das relações humanas. Pereira (2017, p.14), descreve que, “o afeto como um ato indispensável para boas relações humanas, eficaz para reforçar potencialidades podendo ser entendido como a energia necessária para a estrutura cognitiva passe a operar”. A afetividade é um perca de extrema importância no processo de aprendizado de um indivíduo, pois, se é notório que os comportamento e rendimento do aluno mostram-se mais satisfatório, visto que sua afeição pelo aprendizado tende a aumentar.

Ainda segundo Pereira 2017, o autor delinea a afetividade entre aluno e professor e os benefícios entre estes como:

A afetividade é vista hoje como o ponto chave nas relações produtivas entre o professor e o aluno, quando o aluno sente-se motivado, seu comportamento muda positivamente, e seu interesse em aprender cada vez mais, logo aumenta, levando-o a uma melhor aprendizagem de tal forma que o aluno acaba tendo uma predileção

por algumas disciplinas e passa a gostar mais de determinados professores que o faz aprender com alegria e entusiasmo o conteúdo da sua disciplina aliado aos conhecimentos prévios que os alunos carregam consigo (PEREIRA, 2017, p.15).

Durante o processo educativo inúmeras necessidades são apresentadas pelos alunos, necessidades estas relacionadas a diversos motivos, o professor uma vez busca por meio de diversas formas suprir ou solucionar tais questões. “O ser humano tem necessidades físicas e emocionais que, ao serem atendidas, formam um forte laço emocional construído com base na interação com os outros indivíduos” (VIEIRA; LOPES, 2010, p.22).

Deste modo, a afetividade será uma ferramenta que auxiliará no processo educacional, diante a isto ambos obtêm aprendizados, de tal modo o canal de comunicação sempre devesse estar aberto da mesma forma em que é de fundamental importância o professor conhecer a realidade ao qual o seu aluno está inserido, pois por meio deste os vínculos tornam-se mais fortes e o processo de aprendizado mais eficaz. Durante o processo educacional é necessária uma doação entre os indivíduos, pois o professor não deve ser somente o mediador e promotor do conhecimento, enquanto o aluno deve apresentar-se muito mais que um mero espectador no processo de aprendizado, ambos devem conhecer o potencial, e buscar formas de desenvolver este.

Educar não significa apenas repassar informações ou mostrar um caminho a trilhar que o professor julga ser o certo. Educar é ajudar o aluno a tomar consciência de si mesmo, dos outros, da sociedade em que vive e o seu papel dentro dela. É saber aceitar-se como pessoa e principalmente aceitar ao outro com seus defeitos e qualidades (MELLO; RUBIO, 2013, p.06).

Diante disso, para a constituição do processo educacional eficaz, é necessário que a relação aluno e professor exceda o lado profissional, e que o lado humano possa manifestar-se durante este processo, promovendo uma relação mais terna, onde ambos vejam a importância um do outro durante o processo educacional.

No caso da pesquisa em foco, por se tratar de uma investigação acerca dos aspectos simbólicos, optou-se pelo emprego de métodos qualitativos. A metodologia aplicada na realização do estudo envolve pesquisa bibliográfica e de campo. Optou-se pelo uso de um questionário estruturado para professores e alunos para a coleta dos dados, ou seja, para a apreensão das percepções de alunos e professores sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem do estudante.

1. CONCEITO E CONCEPÇÃO HISTÓRICA.

O nosso entendimento em relação à afetividade nos atrela diretamente às nossas emoções como uma espécie de vínculo amoroso mais árduo manifestado através de sentimento e paixões. Entretanto, em um estudo mais aprofundado sobre o tema, devemos adotar conhecimento das diversas áreas que estudam o comportamento e o desenvolvimento do indivíduo, seja ela a Psicologia ou a Filosofia, cada uma das ciências enxergam a afetividade e sua analogia no desenvolvimento cognitivo e social de uma forma singular.

A afetividade pode ser conceituada como algo “diretamente ligada ao domínio das emoções e dos sentimentos que estão envolvidos nestas emoções, e, principalmente, da maneira como nos relacionamos com estes sentimentos, isto quando se refere ao convívio humano e a forma como estes se expressam”. (KIECKHOEFEL, 2011, p.2536).

Porém, o conceito de afetividade pode ser amplo, para Cândido de Figueiredo é uma faculdade que está diretamente relacionada aos sentimentos afetivos (Novo Dicionário da Língua Portuguesa 1913, p. 48). Imaginar que a gênese da afetividade seja puramente sentimental deve estar relacionada com ideia filosófica de *afeccto* (afeto) – que afeta ou modifica -, algo que faz parte da reflexão de praticamente todos os filósofos, determinamos deste modo afeto como uma espécie de tradutor de zelo, carinho e bondade, uma reação totalmente monopólica da paixão.

Afeição é usado filosoficamente em sua maior extensão e generalidade, porquanto designa todo estado, condição ou qualidade que consiste em sofrer uma ação sendo influenciado ou modificado por ela (ABBAGNANO, 1998, p.53).

Quando fazemos a pergunta “o que é o homem?”, temos como resposta natural “o homem é um ser racional”, para filosofia isso é uma apologética, o pensamento como fonte inegável da existência humana que procede atos racionais através do intelecto, já os sentimentos geram ações irracionais que podem desencadear ações e interferir em outras. Martin Heidegger (1889) filósofo alemão defendia que nem mesmo os melhores e mais belos sentimentos não pertenciam a filosofia, sentimentos trazem angústias.

Estamos suspensos na angústia. Melhor dito: a angústia nos suspende porque põe em fuga o ente em sua totalidade. Nisto consiste o fato de nós próprios – os homens – nos refugiarmos no seio dos entes [...]. Somente continua presente o puro ser-aí no

estremecimento desse estar suspenso onde nada há em que se apoiar (HEIDEGGER, 1996, p. 57).

Neste caso vemos a angústia como uma rota de fuga do racional. Fuga que para Heidegger pode ser encontrada com os laços familiares, é no lar onde estreitamos cada vez mais nossas ligações é um lugar de refúgio onde podemos nos apoiar e é na afetividade que o homem continua puro. Porém esse tipo de *afeccto* puramente íntimo que faz distorcer uma realidade racional defendida pela filosofia é a intuição do “seja racional”, desvincule suas emoções e comande sua dimensão afetiva.

O questionamento que se pode levantar é: Poderia o homem viver apenas se usasse essa “razão”? O homem pode suportar a dureza de uma “razão” esvaziada de sentimentos? Ou será que o homem que deixando-se conduzir pelas paixões acaba de cumprir, sem saber, os desígnios da razão, logo que ele é formado por uma homogeneidade entre razão e emoção não se podendo desassociar, agora que toda decisão por mais lógica que seja afeta algo ou alguém, e se afetamos estamos proferindo afeto. Segundo Piaget, é incontestável que sem o afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência, ou seja, o afeto se torna uma condição para que haja a construção da inteligência. Então todas nossas ações lógicas devem ter como ação primária a sensibilidade, para que a ação em si não se torne irracional. Para Kant a sensibilidade é uma competência para recebermos as afeições que nos estimulam, logo podemos chegar a conclusão daquilo que foi mencionado, que é através dos sentimentos que podemos tomar decisões racionais.

Conforme o que relata o psicanalista Ivan Capelatto (A Equação da Afetividade, p. 48) a nossa afetividade está associada ao “medo da perda”, o receio do fim. Nós seres humanos temos a necessidade em ter a certeza de que somos importantes, já que o nosso desejo desde o início da nossa vida é o sentimento de se sentir desejado por outro semelhante – desde o nascimento o bebê chora pelo colo da mãe, por pura e simples precisão de atenção e carinho – sustentamos ainda hoje essa precisão de que “eu” como homem necessito me nutrir do contato e dos sentimentos externos — podemos chamar isso de *Amor Narcísico* — uma questão de sobrevivência. Logo, então, o perder esse amor, esse apego, essa condição de sobrevivência traz tristeza, podemos notar que aqui o *afeccto* nos ocasionou uma condição de sofrimento, nos afetando de maneira negativa.

Contudo o ser humano é um “animal racional”, talvez mais que isso “um animal afetivo”, logo que todas nossas decisões afetam algo ou alguém. Valorizamos a questão

racional e colocamos de lado nosso aspecto afetivo esquecendo que é a nossa capacidade de afetar que nos torna humanos.

emoção: É o recurso de ligação entre o mundo físico e cultural. Compõe sistemas de atitudes percebidas pela expressão corporal, de forma que são estabelecidos padrões para a alegria, o medo, a tristeza, a raiva, etc. A emoção estimula o desenvolvimento cognitivo e incentiva mudanças que tendem a uma diminuição deste sentimento (ALMEIDA; MAHONEY, 2007, p.17).

Somos seres afetivos, através das emoções temos a capacidade de existirmos em harmonia, mesmo entendendo a dissociação da razão e a emoção, não se pode negar que o estimula o homem e seu desenvolvimento são suas experiências socioculturais. Nosso intelecto não pode ser formado apenas de cognição, o homem não é um “ser programável” alheio aos seus afetos e sentimentos. Uma formação humana deve estar enfocada num desenvolvimento pleno, o homem como um ente social.

1.1 Afetividade segundo a concepção de Henri Wallon.

Henri Wallon nasceu França e viveu entre o período de 1879 – 1962, foi médico, filósofo e psicólogo. Em suas pesquisas para tentar compreender a gênese do processo do psiquismo humano, concentrando os seus estudos nas fases iniciais da infância. Wallon estudou a criança para tentar compreender como funciona o processo de desenvolvimento psicológico humano, para isto, iniciou um estudo do desenvolvimento humano de uma forma integral analisando quatro campos que compõe essa formação incondicional do psiquismo humano.

As dimensões estudadas por Wallon foram: A *motricidade*, o movimento que como desde os primeiros meses de vida da criança serve como uma expressão afetiva de emotividade, tanto o quanto no decorrer do desenvolvimento da criança inclinada a conhecer o mundo através dos sentidos e das atividades motoras – exploração, outra dimensão estudada foi o aspecto das *emoções*, que são as manifestações afetivas que fazem parte do processo do desenvolvimento -precisamos recordar que afetividade não está ligado necessariamente a beijos e carinhos, afetividade é tudo aquilo que nos afeta seja para o bem ou não – a afetividade para Wallon estabelece um papel muito importante no desenvolvimento humano, porque segundo ele é o amadurecimento do sistema nervoso e a interinfluência social na criança trazem a ela situações novas e estímulos diferenciados que ele denomina *conflitos*. E o

conflito dessas situações (afetos internos e externos), emergem na criança o pensamento e a inteligência, a *inteligência* também é um dos campos de seus estudos. Como o fato de a inteligência emergir da afetividade, é fácil compreender o porquê de nos interessamos a aprender sobre certas matérias e ignoramos as que não se conectam com nossos afetos. Antes de Wallon a afetividade era pouco considerada nos estudos do desenvolvimento humano.

Mesmo Wallon não sendo pedagogo, suas teorias são muito aplicadas no ambiente escolar. Segundo ele o desenvolvimento da criança deve ser feito considerando todos os aspectos já mencionados – movimento, afetivo e cognitivo – e que, não se pode trabalhar apenas um desses processos ou então trabalha-los de forma isolada já que o indivíduo (criança) é formado por um todo – biológico e intersocial. Esses conceitos são sobrepostos em sala de aula para que o processo educacional seja completo.

O processo educacional não é um processo isolado; é constituído conjuntamente por professores e educandos na interação e com vínculo na afetividade, na participação, na cooperação de ambos, construindo-se e acomodando-se, assim, a aprendizagem. (GIANCATERINO, 2007, p. 74).

Uma das originalidades dessa teoria na época que foi feita e compreendendo a complexidade dos processos educacionais e pedagógicos que temos hoje, é a possibilidade de ver a criança como um todo, um indivíduo em formação que está suscetível ao mundo exterior, relações culturais e sua condição biológica emotiva, que ela criança é formada por campos indissociáveis como por exemplo a afetividade e a inteligência, e que isso tem que ser respeitado durante todo o processo.

A interação social decorre dentro de um dispositivo cultural. Por cultura de um grupo de pessoas significam-se seu modo global de vida, sua língua, seus modos de perceber, classificar e pensar a respeito do mundo, formas de comunicação não-verbal e interação social, normas e convenções sobre comportamento, valores morais e ideais. [...] Todos esses aspectos da cultura afetam o comportamento social, direta ou indiretamente (ARGYLE, 1974, p.148).

1.2 A importância da Afetividade segundo Henri Wallon

A afetividade é um tema central na obra de Henri Wallon, no entanto, a sua teoria não se encontra sistematizada, isto é, não é apresentada como conjunto de conhecimento

organizado, já que as informações se encontram esparsas em diferentes obras. No entanto, o posicionamento de Wallon a respeito da importância da afetividade para o desenvolvimento da criança é bem definida, e tem um papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, por sua vez, se constitui sob a alternância dos domínios funcionais, ou seja, o desenvolvimento psicológico da criança é de origem orgânica – biológica – no entanto ela sofre uma interinfluência social e cultural, e são esses “afetos” que definem a personalidade da criança.

Para Wallon a afetividade pode ser identificada, em duas etapas, sendo a primeira de base mais orgânica, e a outra de base mais social. Quando os motivos que provocam os estados de bem estar e mal estar estão primordialmente ligados às sensibilidades interoceptivas, e exteroceptivas, temos uma etapa em que a afetividade é de base orgânica a chamada afetividade orgânica. Ela assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável, ambas evoluem ao longo do desenvolvimento, são construídas e se modificam de um período ao outro, pois, à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

Wallon sem dúvida foi o autor que soube muito bem privilegiar a relação entre os domínios afetivo e cognitivo, na medida em que criou uma teoria de desenvolvimento da personalidade, ocupando-se em estudar a passagem do orgânico ao psíquico, verificou que, nesse processo, ocorre concomitantemente o desenvolvimento de ambos os domínios, o desenvolvimento da personalidade oscila entre movimentos ora afetivos, ora cognitivos que são interdependentes, ou seja, à medida que a afetividade se desenvolve, interfere na inteligência e vice-versa.

A posição de Wallon a respeito da importância da afetividade para o desenvolvimento da criança é bem definido, na sua opinião, ela tem um papel imprescindível no processo de desenvolvimento da personalidade e este, por sua vez se constituiu dos domínios funcionais.

A afetividade tem um papel preponderante no processo de desenvolvimento da escola posteriormente na expressão Almeida (1999, p41) ao mencionar Wallon diz que ele “atribui a emoção como os sentimentos e desejos, são manifestações da vida afetiva, um papel fundamental no processo de desenvolvimento humano. Segundo Almeida (2001), a afetividade, assim como a inteligência, não aparece pronta nem permanece imutável, ambas

evoluem ao longo do desenvolvimento; são construídas e se modificam de um período a outro à medida que o indivíduo se desenvolve, as necessidades afetivas se tornam cognitivas.

Afinidade é uma base para um bom relacionamento, ou seja, normalmente, a afinidade é definida quando há um encontro de identidades ou personalidades semelhantes entre duas pessoas, por exemplo, ter afinidade é ter sintonia com as mesmas ideias, gostos e sentimentos característicos de outra pessoa. Afinidade também significa sintonia, atração, simpatia e semelhança, é uma relação que desperta a afinidade, as igualdades, os sentimentos de afeto, de carinho e amizade entre os indivíduos.

Segundo Piaget, é incontestável que o afeto não haveria interesse, nem necessidade, nem motivação, e conseqüentemente, perguntas ou problemas nunca seriam colocados e não haveria inteligência. A Afetividade é uma condição necessária na construção da inteligência, consideram-se dois aspectos importantes no desenvolvimento intelectual, um afetivo e um conectivo, ou seja o conhecimento se realiza através da construção daquilo que é empírico – afetivo – com uma conexão de aquilo que não é pré-formatado, o que existe aqui é uma ordenação contínua, uma reconstrução, adaptação aos meios físicos e sociais. Nesta abordagem do processo educativo a afetividade ganha destaque, pois acreditamos que a interação afetiva ajuda mais a compreender e modificar as pessoas do que um raciocínio brilhante, repassado mecanicamente. Esta ideia ganha adeptos ao colocar as atividades lúdicas no processo do desenvolvimento humano.

Torna-se então, baseado na ideia que a afetividade está diretamente ligada ao desenvolvimento intelectual da criança, imprescindível uma abordagem pedagógica que trabalhe no contexto escolar a afetividade-aprendizagem nas mais variadas aplicações, levando em conta um conjunto cultural - afinal de acordo com a teoria walloniana a criança deve ser considerada em todos os aspectos – não julgando como uma simples alternativa de “fazer algo diferente” no ambiente da escola, mas sim uma busca constante para privilegiar a formação humana.

O conhecido é construído por meio da ação e da interação. O aprendizado acontece quando o indivíduo participa ativamente da ação de aprender, e é somente por meio da mobilização afetiva que a criança acha a força motriz para lhe impulsionar ao conhecimento e a exploração do desconhecido. Quando existe essa harmonização entre a afetividade e o processo educacional existe a aprendizagem, pois o afetivo e o intelectual são indissociáveis para o desenvolvimento do ser humano.

Parece-nos que, a afetividade é, ainda, um campo aberto para investigações, Wallon indica caminhos a serem trilhados para estudos complementares ao estabelecer nítida diferença, em sua obra, entre a afetividade e suas manifestações e ao identificar que, no desenvolvimento humano, existem estágios predominantemente ativos, cremos que se pudéssemos separar os estágios predominantemente afetivos dos demais, apenas para efeitos de análises, já teríamos possivelmente, um caminho mesmo que incipiente, a ser trilhado, por conseguinte, acreditamos que uma aproximação cada vez maior com a proposta walloniana da afetividade permitirá uma compreensão dos possíveis desdobramentos e limites nela existente.

2. A RELAÇÃO PROFESSOR X ALUNO NAS ESCOLAS

Descobrimos que a afetividade é algo que acompanha o indivíduo durante toda sua vida, e é totalmente atuante em toda a esfera instintiva do seu comportamento. O sujeito constrói todo seu relacionamento com o mundo exterior e suas emoções, pensamentos, sonhos, perspectivas, sentimentos e desejos, todos os aspectos que devem ser extremamente importantes de serem aproveitados na área educacional.

A afetividade constitui um papel fundamental na formação da inteligência, de forma a determinar os interesses e necessidades individuais do indivíduo. Atribui-se às emoções um papel primordial na formação da vida psíquica, um elo entre o social e o orgânico (WALLON, 2008, p.73).

A escola com um espaço integralmente educativo tem como principal função formar o indivíduo para vida em sociedade, de forma plena num sentido cognitivo e social, possibilitando ao educando a reinvenção dos seus saberes. Porém, este processo de transmissão / reinvenção de conhecimento precisa, em caráter obrigatório passar pela afinidade de duas pessoas – Educando e Professor – logo, conexões afetivas estarão presentes durante todo o método de ensino sendo que o basal em uma parceria de ensino-aprendizagem é o diálogo. Para Wallon, a pessoa deve ser vista como parte integrante do meio em que está inserida, e o procedimento de socialização dá-se pelo contato com o outro e, além disso, o contato com aquilo que outro inventa, ou seja, é essa experiência de imersão cultural, orientada pelo diálogo que se interpõe entre ambos aluno/professor, professor/aluno, é que se faz brotar assim um novo saber, fruto de uma intervenção afetiva.

No relacionamento professor-aluno, há trocas de experiências e de conhecimentos, no qual o professor estando no lugar daquele que deve ensinar, também aprende com a realidade de cada aluno, e o aluno no lugar de quem recebe ensinamentos, também ensina e aprende mesmo sem intencionalidade. Para Freire (1996, p.52) “saber que ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Podemos assim afirmar então que a afetividade presente na relação professor aluno é um elemento indispensável para a construção do conhecimento.

Para aprender, necessitam-se dois personagens (ensinante e aprendente) e um vínculo que se estabelece entre ambos. (...) Não aprendemos de qualquer um, aprendemos

daquele a quem outorgamos confiança e direito de ensinar. Com isso, [fica esclarecido] que toda aprendizagem está impregnada de afetividade, já que ocorre a partir das interações sociais, num processo. Pensando, especificamente, na aprendizagem escolar, a trama que se tece entre alunos, professores, psicopedagogos, conteúdo escolar, livros, escrita, [não] acontece puramente no campo cognitivo. Existe uma base afetiva permeando essas relações (FERNANDEZ, 1991, p. 47-52).

É comum, no entanto, alguns docentes que acham que o relacionamento professor-aluno não possui uma significativa relevância nesse processo de ensino-aprendizagem. Não é incomum ouvir a famosa frase “O aluno não precisa gostar de mim! Precisa aprender a disciplina!”, neste caso o professor se vê apenas como um instrumento e o aluno como receptor do conteúdo aplicado. Porém, a não existência desse laço pode acarretar em um processo “falho”, já que não há a troca de experiência, e o diálogo neste caso é fruto de uma afetividade negativa?

De fato, vários docentes enxergam que o autoritarismo – neste caso mal interpretado como a autoridade e a hierarquia que o professor tem em sua sala – como uma forte ferramenta para manter os alunos “controlados” e “quietos” em sua classe. Esse “instrumento” é usado para manter a disciplina e a atenção, porém em muitos casos gera uma aversão tanto ao professor quanto a matéria lecionada – alunos perdem o interesse ou simplesmente não se motivam por assimilar aquele conhecimento. No entanto, existem casos mesmo de estudantes que se motivam a aprender nessas condições, isso mostra que diversas formas de afetividade podem contribuir para a construção do saber, tendo em vista a individualidade do indivíduo que irá ser o receptor daquilo que é ensinado.

Muitos poderiam dizer que um modelo centrado no autoritarismo possa surtir um efeito positivo no desenvolvimento educacional do educando, no entanto, não é o que a professora Amanda Milena que leciona a disciplina de ensino religioso na Escola Nilza Coelho Lima, segundo ela a confiança e amizade, ajuda o processo de assimilação da disciplina e torna mais prazeroso todo o método tanto para o docente quanto o educando, logo é sim importante a amizade do aluno com seu professor. Aqui observamos que a empatia – que foi usada como forma de amizade – é o laço emocional / afetivo, que de acordo com a professora Amanda, auxilia os seus alunos à assimilarem e compreenderem a sua disciplina. A aluna do 8º ano do ensino fundamental da mesma escola Amanda Aguiar, diz que o respeito e a amizade entre professor e aluno é uma espécie de combustível que incentiva ao aprendizado, vemos então, dois exemplos de docente / aluno citando a amizade, o carinho e respeito como

um “instrumento” incentivador e motivacional para o desenvolver o dialogo e a construção do conhecimento.

2.1 A Afetividade nas etapas da educação

O professor pode ser considerado o primeiro indivíduo fora do ciclo familiar que nos apresenta o cerne da aprendizagem. Antes dele todo e qualquer estímulo voltado para o conhecimento era nos apresentado pelos nossos pais e mães, logo, toda e qualquer representação de aprendizado era cercada de amor, carinho e paciência. Por conta deste cenário o processo de estímulo à aprendizagem deve continuamente estar envolto desses feitos.

Uma criança que esteja na educação infantil possui uma necessidade natural de se sentir acolhida, amada e ouvida, e cabe ao professor desempenhar esse papel, como incentivo motivador para a criança despertar o seu desejo pelo aprender, considerando os desejos e aspirações de cada idade. É na infância que a criança de forma progressiva se começa a adaptar-se ao meio social, físico e psicológico. De acordo com Piaget o principal objetivo da educação é criar pessoas que possam fazer coisas novas, adaptando o indivíduo ao meio social em que vive.

A pedagogia moderna não saiu de forma alguma da psicologia da criança, da mesma maneira que os progressos da técnica industrial surgiram, passo a passo, das descobertas das ciências exatas (PIAGET, 1985, p. 148).

Piaget, em torno seus estudos, estabeleceu a existência de quatro estágios ou fases no desenvolvimento da inteligência, por meio dos quais se individualiza o desenvolvimento do conhecimento pela criança. Os estágios serão os seguintes:

O primeiro estágio é o **Sensório Motor**, estariam neste estágio as crianças de zero a dois anos (0-2 anos), neste estagio inicial o desenvolvimento da inteligência da criança se aplica a situações e ações concretas. Existe o desenvolvimento primitivo das coordenações. É o período que também se distingue os objetos e o próprio corpo.

O Segundo estágio é o **Pré-Operatório**, já neste estágio engloba-se as crianças de dois a seis anos de idade (2-6 anos), é chamado de período *intuitivo*. Aqui acontece o

desenvolvimento da capacidade simbólica – a distinção entre símbolos, imagens e palavras – passa a existir uma grande aptidão verbal, é nesse estágio que surge a fase dos “porquês”, a criança pergunta quase o tempo todo, e a exteriorização das características psicológicas, tais como o egocentrismo e a intuição.

Ao atingir o terceiro estágio a criança, a criança é capaz de ordenar elementos, organizando-os de forma lógica ou operatória. A esse estágio dá-se o nome de *Operatório-Concreto*, ele ocorre dos sete aos onze anos de idade da criança (7-11 anos), ela já domina uma linguagem socializada e constitui um diálogo compreensível, possui a habilidade de reconhecer regras e as obedece-las, estabelecendo acordos.

O quarto e último estágio acontece após os onze anos (11 anos), este é o estágio *Operatório-Formal* – também conhecido como Operatório Abstrato – nesta fase acontece a consolidação do pensamento lógico-matemático, é onde o indivíduo se liberta do que é concreto e desenvolve as relações de intercâmbio, com o propósito de alcançar as conclusões que serão úteis para o seu aprendizado.

Esses estudos de Piaget, tornam-se uma ferramenta imperativa ao professor que deseja alcançar resultados satisfatórios no procedimento de ensino-aprendizagem. Para Saltini considera-se que na educação infantil a criança interage de forma devotada com o professor, com brincadeiras, momentos de leitura, rodinhas de conversa, e por ser um estágio de desenvolvimento concreto já que o aluno estará no primeiro estágio sensório motor, essa adjacência afetiva é abundantemente importante, já que é através dela que se dá a interação com os objetos e a construção do desenvolvimento motor da criança.

Na pré-escola a inter-relação da professora com o grupo de alunos e com cada um em particular é constante e se dá o tempo todo, seja na sala, seja no pátio, seja nos passeios e é em função dessa proximidade afetiva que se dá a interação com os objetos e a construção do conhecimento altamente envolvente (SALTINI, 1997, p. 87).

A escola deve estar pronta para acolher os alunos, e como também os professores, recepcionar os pais e os demais funcionários. Uma escola acolhedora dedica-se integralmente e para trabalhar a autonomia dos docentes, ou seja, professor e aluno em conjunto com toda escola e auxiliados pelos pais constroem juntos o conhecimento, porém poucos alunos percebem que fazem parte integrante do processo e que é aquilo que eles fazem que se torna parte significativa daquilo que ele aprende pelo resto da vida.

A professora Marina Vaz, da escola Nilza Coelho Lima diz que a afetividade não deve ser apenas algo que ligue professor e aluno, deve-se englobar família e ambiente escolar para que o processo de ensino-aprendizagem aconteça, pois é esse vínculo formado entre escola-família que facilita o funcionamento da instituição e subsidia um mais perfeito rendimento escolar. E ela diz ainda que, esse aproximar-se de escola-família está a cada vez mais raro visto que a família hoje não se vê parte integrante do processo de escolarização, contudo, mesmo assim recorre a essa condição “afetiva” no intuito de melhorar sempre mais a assimilação dos conhecimentos com seus alunos.

Definirei uma escola, aqui, como uma instituição, na qual um grupo de pessoas, raramente relacionadas pelo sangue, mas geralmente pertencentes ao mesmo grupo social, reúnem-se com frequência regular na presença de um indivíduo capacitado mais velho, com o propósito explícito de adquirir uma ou mais habilidades valorizadas pela comunidade (GARDNER, 1994, p113).

A medida que o aluno vai “evoluindo” e se graduando a series posteriores o desafio de educar torna-se cada vez mais árduo. Ao grau em que o aluno vai se tornando um ser mais “consciente” e socializado os desafios da escolarização vão aumentando. E nesses casos será que a amizade, carinho e acolhida, funcionam da mesma forma como com aquela criança que está na educação infantil, ainda se descobrindo e totalmente dependente. O professor estará lidando com um ser socializado capaz de fazer uma ordenação abstrata do conhecimento, com opiniões formadas. Estamos ponderando sobre os alunos que se encontram no ensino fundamental e médio, e, com a aproximação da fase adulta esses estudantes ainda serão condicionados à afetividade e o dialogo com seus docentes?

Para uma aluna do 8º ano do fundamental, é fundamental para uma educação de qualidade que haja uma relação afetiva de amizade entre aluno-professor, pois, segundo ela, a amizade gera a tolerância e o respeito necessário para que possa existir dialogo dentro de sala de aula, e sem esse dialogo não existe aprendizagem.

É notória a visão que a amizade entre professor e aluno gera um resultado satisfatório no processo de ensino-aprendizagem em comparação do que o autoritarismo. A atenção e o carinho são precedentes para que o educando se sinta importante para o processo, sinta-se parte atuante e não somente um mero receptor de conteúdos sem qualquer tipo de conhecimento relevante. A participação do aluno na edificação de seu saber é uma atuação imprescindível no processo ensino-aprendizagem. Esse pressuposto provocado a partir de

inúmeros estudos indica que cada educando deve ser inserido no contexto do seu aprendizado, tornando-se sujeito de sua própria história e delegado transformador de sua sociedade.

Para alguns pesquisadores, como Posner (1982), a aprendizagem é 0 atividade racional, em que se compreendem as ideias, no entanto, ao fazer uma revisão em sua teoria, admitiu ter dado pouca importância às variáveis afetivas e emocionais que interferem na aprendizagem e apontou ainda para algo mais além da racionalidade a interferir nas situações de aprendizagem. Já na perspectiva de outros autores, existe uma relevância muito grande no que se refere aos aspectos afetivos em sala de aula que contribuem na aprendizagem do aluno. Wallon (1992) defende que a afetividade que se manifesta na relação professor-aluno constitui-se elemento inseparável do processo de construção do conhecimento. A afetividade não é uma temática contemporânea, mas histórica. Diante dessa afirmação torna-se preponderante discutir e elencar reflexões de teóricos que buscam em suas discussões apresentar a questão da afetividade e da moral. Dentre os teóricos que abordam a questão da afetividade, destacam-se Comines e Rousseau. A afetividade se encontra “escrita” na história genética da pessoa humana e deve-se a evolução biológica da espécie. Como o ser humano nasce extremamente imaturo, sua sobrevivência requer a necessidade do outro, e essa necessidade se traduzem amor.

Se torna inegável articular que a afetividade está profundamente ligada à aprendizagem, nas relações que o indivíduo mante com si e com o outro. Para Wallon, a emoção é um fator carro-chefe no ambiente escolar e que a construção do “eu” em sua teoria está sujeito fundamentalmente na presença do outro. E é a partir desta concepção que o lúdico surge como uma ferramenta importantíssima que proporciona a integração do educando com a sensibilidade. Ou seja, a construção / reinvenção do saber, depende de outro indivíduo, e essa junção de experiências formará um novo saber concreto, desde que ambos estejam emocionalmente conectados sendo que este estado afetivo é o precursor do diálogo que é a fonte da qual se origina um novo conhecimento.

2.2 Afetividade como ferramenta de mudança

O afeto é um ato indispensável para boas relações humanas, eficaz para reforçar potencialidades podendo ser entendido como a energia necessária para a estrutura cognitiva

passa a operar. Além disso, o afeto estimula a velocidade com que se constrói o conhecimento, pois, quando as pessoas se sentem seguras, aprendem com mais facilidade (DAVIS et al, 1994). Ainda segundo este autor, a afetividade aliada a agilidade ela determina o impacto deste relacionamento, sendo um colaborador positivo da sensação de bem-estar e confiança. A afetividade é vista hoje como o ponto chave nas relações produtivas entre o professor e o aluno, quando o aluno sente-se motivado, seu comportamento muda positivamente, e seu interesse em aprender cada vez mais, logo aumenta, levando-o a uma melhor aprendizagem de tal forma que o aluno acaba tendo uma predileção por algumas disciplinas e passa a gostar mais de determinados professores que o faz aprender com alegria e entusiasmo o conteúdo da sua disciplina aliado aos conhecimentos prévios que os alunos carregam consigo. “O aprender se torna mais interessante quando o aluno se sente competente, pelas atitudes e métodos de motivação adotados pelo docente na sala de aula” (SILVA; NAVARRO, 2012). Desse modo, fica claro entender que as relações entre docentes e discentes envolvem comportamentos intimamente relacionados, em que as ações de um promovem ações do outro. “As relações entre professores e alunos, as formas de comunicação, os aspectos afetivos e emocionais, a dinâmica das manifestações na sala de aula faz parte das condições organizativas do trabalho docente, ao lado de outras que estudamos”. (LIBÂNEO, 1990).

A afetividade apresenta grande influência no comportamento dos alunos, há muitas crianças que passam mais tempo na escola do que com a família, sendo assim o professor precisa desenvolver uma relação carinhosa com ela, pois a emoção compromete o desenvolvimento conectivo, motor e afetivo, E estes estão interligados, um precisa do outro e se um deles está com problemas influenciara os demais, prejudicando o desenvolvimento das crianças. O aluno que apresenta problema emocional não consegue acompanhar pedagogicamente a turma.

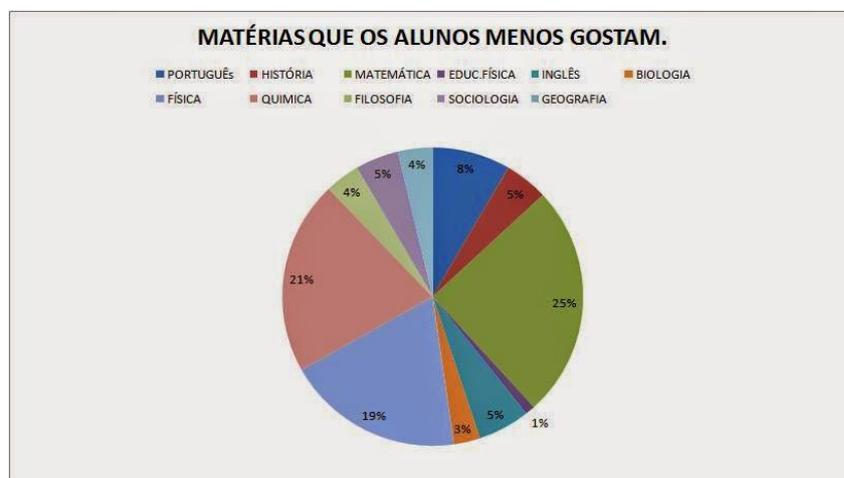
A dificuldade de assimilação do conteúdo lecionado em sala de aula, esse problema é um dos mais frequentes que o professor precisa enfrentar. O fato do educando não conseguir compreender o que está sendo passado pode gerar um desgaste em relação a disciplina apresentada. E como agir diante de um quadro onde o aluno se bloqueia em relação à disciplina, caso esse que influencia, além disso, no relacionamento professor-aluno. Em casos como estes é corriqueiro, onde o aluno se desmotiva e se desinteressa causando em muitos casos indisciplina e a falta de atenção, já que, o aluno não se sente um agente ativo no processo, como que se o mundo ali apresentado não fosse o dele. A indisciplina age como um

escudo para aquilo que lhe aflige – a incompreensão do que está a sua frente – e muitos professores ainda não conseguem lidar de forma a manter o relacionamento afetivo e carinhoso que se mantinha nas series anteriores.

Surgem de tal modo reações de antipatia com a disciplina e o educador. Ao se fazer um questionamento para os alunos quais as matérias mais “odiadas”, veremos que em todas as respostas que as disciplinas onde o aluno não possui afinidade, e por conta disto não existe a compreensão do assunto. Cabe então a figura do educador mudar esse panorama, de forma pedagógica e lúdica fazer abrolhar a vontade do aluno em se integrar no processo de construção do saber. Porém, se não existir entre ambos indivíduos uma relação amistosa, de compreensão e carinho não existirá desta forma a edificação do conhecimento.

Fica evidente que os estudantes apreciam mais as disciplinas relacionados aos professores que eles se relacionam melhor. Pois é a conduta desse profissional influencia e motiva a participação e a dedicação nos estudos (RIBEIRO, 2010, p. 404).

Ao observamos o gráfico abaixo temos uma noção das matérias em quais os alunos possuem mais dificuldade de aprender



Fonte: www.inicepg.univap.br

Nota-se, que mais de 45% dos alunos possuem dificuldade em matérias como matemática e química. Isso evidencia que quando o aluno tem uma certa dificuldade de aprendizagem, ele ainda vai dizer que não gosta daquela determinada área precisamente por que ele não pôde “degustar essa alegria ou prazer”, pelo contrário, ele se sente bem mais esgotado quando estuda a disciplina.

O surgimento da falta de motivação e como consequência a dificuldade do educando em aprender determinada disciplina está diretamente ligado à rotina e monotonia das aulas onde esses educandos são obrigados a suportar diariamente, a aulas que não trazem o lúdico ou o diálogo, aulas tradicionais aonde encontram-se no autoritarismo seu maior recurso pedagógico – “não precisa gostar de mim, mas, precisa aprender o que ensino”, “a única forma de se aprender isso é fazendo desta maneira” - como Sheila Cardoso e Dominique Colinvaux (2000) dizem em seu trabalho: que muitos comentários recorrentes entre os estudantes demonstram um desagrado em relação às aulas, são expressões do tipo “chatas”, “ensinada de forma enjoada”, “cansativas”, “todas iguais”, “difíceis”, “sem importância”, “pouco aplicadas ao dia-a-dia” e “não entendo o que o professor explica”.

E se decidirmos parar e analisar os questionamentos para tentar descobrir de onde surge a desmotivação dos alunos em relação a uma determinada disciplina: o fato do aluno gostar de matemática é o que facilita seu aprendizado? Ou o contrário, o fato do educando não gostar de matemática prejudica o seu aprendizado? E o mais importante não gostar de matemática vem antes ou depois da dificuldade de aprender? O que nos leva a uma última pergunta, para mudarmos essa notória estatística, de quem é a responsabilidade do educando ou do educador?

Essa ‘necessidade de saber’ pode não ser movida apenas por razões de ordem material ou prática – como, por exemplo, a necessidade de resolver um problema – mas sim por uma necessidade pessoal de saber sobre algo, um buscar o conhecimento, por que se quer saber sobre ele ou por que esse conhecimento lhe traz algum tipo de satisfação particular. Nesse caso, não se trata apenas de uma mobilização cognitiva, mas de uma mobilização do sujeito como um todo, em seu aspecto afetivo, relacional e cognitivo, da mobilização de um sujeito que quer aprender e que se dispõe a isso (GUIZELINI, 2005. p.19).

Observando o ponto de vista do professor Edivando Ferreira, que leciona matérias polivalentes na escola Bernardo Coelho de Almeida e na escola Gonçalves Dias no Município de São Bernardo, ele diz que os casos de indisciplina e falta de atenção são maiores nas matérias onde os alunos possuem mais dificuldade de aprendizado e que cabe ao professor junto com o aluno buscar uma forma para contornar esse quadro – “A educação é uma via de duas mãos, onde precisamos de um condutor e um passageiro, se possuímos apenas o passageiro sem um condutor não iremos a lugar algum da mesma forma o contrário” – uma realidade como essa pode e necessita ser mudada os laços que unem professor e aluno se mais justos mudam qualquer quadro de dificuldade de aprendizado, o professor deve se sensibilizar e identificar o “problema” causador da dificuldade e procurar uma solução para

sanar toda e alguma forma de dificuldade do aluno. Não podemos esquecer dos inúmeros estudantes que desistem da escola por conta de não conseguirem assimilar os conteúdos propostos – nas escolas dos interiores nas zonas rurais esse caso é rotineiro – o aluno se rotula como incapaz de aprender, isso demonstra que o processo de ensino não mostrou aquele que seu conhecimento possui um valor inestimável à construção do conhecimento. E que não é apenas uma ou duas disciplinas, mas, sim todo o processo de reconstrução do conhecimento que não atingiu o efeito desejado. Estimulo e acompanhamento que antes era praticamente integral nas séries iniciais, acabam sendo deixados de lado e isto impacta de maneira negativa o ensino-aprendizagem do educando, e a única forma de retornar aos eixos desejáveis é através do zelo antes mostrado nas outras etapas iniciais da educação.

Hoje esse tipo de incentivo – a busca de novos métodos para auxiliar na transmissão de ideias – deve vir em primeira instância do educador. Como visto antes vários alunos desestimulados e desmotivados, tem como uma característica a falta de atenção e a indisciplina, e por consequência, por vezes “abandonados” intelectualmente pela escola, professores, família e sociedade, sem valores e sem compreensão e principalmente carinho. Neste caso o professor é visto como um ente querido da família, uma imagem materna/paterna que o aluno tem em que se espelhar e muitas ocasiões a afeição é confundida por ambos. Deve-se lembrar que a afeição no relacionamento professor-aluno tem como objetivo a assimilação de conteúdo e a socialização do educando, a afeição na relação aluno-professor, professor-aluno deve estar diretamente ligada à prática educativa.

Na relação professor-aluno, o papel do professor é o de *mediador do conhecimento* [nosso grifo]. A forma como o professor se relaciona com o aluno reflete nas relações do aluno com o conhecimento [...]. Queira ou não, o professor é um modelo, na sua forma de relacionar-se, de expressar seu valores, na forma de resolver conflitos, nas horas de falar e de ouvir. (MAHONEY; ALMEIDA, 2005, p. 9).

O educador através da afetividade e da empatia, precisa conquistar o aluno para depois passar o conhecimento necessário, pois o que marcará na memória da criança será o que foi feito com amor e carinho, a escola que, então, tinha finalidade de transmitir o conhecimento com afetividade, pois a criança que vem para a escola deseja antes do conhecimento, receber atenção, carinho, respeito e afeto dos professores que lá se encontram.

Sendo a afetividade essencial as relações humanas vejo o educando como um sujeito em fase de formação e que necessita de educação e cuidados que favoreçam sua constituição com indivíduo.

Segundo Tassoni (2001) o que se diz, como se diz, em que momento e por quê da mesma forma que o que se faz, como se faz em que momento e por quê, afetam profundamente as relações professor-aluno e, conseqüentemente, influenciam diretamente o processo de ensino aprendizagem, ou seja, as próprias relações entre sujeito e objeto, nesse processo de inter-relação, o comportamento do professor, em sala de aula, através de suas intenções, crenças, seus valores, sentimentos e desejos, afeta cada aluno. Embora a escola seja um local onde o compromisso maior que se estabelece com o processo de transmissão \ produção de conhecimento, pode se afirmar que as relações afetivas se evidenciam, pois a transmissão do conhecimento implica, necessariamente, uma interação entre pessoas, portanto na relação professor-aluno, uma relação de pessoa para pessoa, o afeto está presente (ALMEIDA, 1999, p.107).

Assim como já foi citado anteriormente, se não há afetividade o aprendizado se torna mais difícil, pois, sem essa afetividade o relacionamento professor-aluno se não se torna um bom convívio, e desta forma o aluno não sente o prazer pela determinada disciplina não entendendo a significativa importância que aquele determinado conhecimento pode acarretar para sua vida. Exposto isto retorna-se ao que foi dito sobre o estabelecimento de vínculos afetivos, e que é o professor que tem como metodologia “trazer” o educando para o seu lado, gerando assim um laço de confiança, amizade, respeito e compreensão, fazendo desde modo com que o aluno abarque a necessidade deste ou de outros conteúdos, já que só depois disto com um certo tempo haverá a assimilação do conteúdo.

Tal relação estabelecida entre aluno-professor, tem como ponto de partida uma boa comunicação – Diálogo – implica na motivação de ambos os lados, o aluno se motiva pelo motivo da compreensão do que se é passado, já o professor se motiva lançando situações desafiadoras fazendo com que o aluno se submerja cada vez mais no processo de ensino-aprendizagem e desta forma cresça valores e virtudes, podendo desenvolver também novas habilidades.

A questão da afetividade em sala de aula, no entanto, não se restringe apenas às relações, entre professor e aluno, entendemos que as decisões sobre as condições de ensino, assumidas pelo professor, apresentam, inúmeras situações com implicações afetivas para o

aluno. Afetividade na escola, emoção na sala de aula, a afetividade na relação professor-aluno são alguns dos diferentes focos através dos quais tal aspecto vem sendo abordado, buscar compreender o indivíduo em sua complexidade, integrando as suas dimensões afetivas e cognitivas, que o, compõem tem sido o caminho mais explorado, nesse sentido alguns estudos vem privilegiando abordagens que defendem a interdependência e a interrelação entre as mesmas.

A área da educação é um campo altamente complexo é fértil, por esse motivo diversos acontecimentos que transformam o educando e o fazem evoluir em distintas áreas sociais. Giully acrescenta:

[...] o campo educativo aparece como um campo privilegiado para verificar como se constroem, evoluem e transformam as representações sociais, e esclarece sobre o papel dessas relações como objeto de sua apresentação e as significações sociais e permite uma nova explicação dos quais fatores propriamente sociais agem sobre o processo educativo e influenciam seus resultados (1984, p 364).

Desta forma podemos entender que o papel da educação está além do desenvolvimento intelectual e da incrementação de disciplinas e matérias à serem assimiladas, é papel da educação preparar o educando para uma vida em sociedade e evidenciar os significados sociais que aqueles conhecimentos podem influenciar em meio a um grupo social. Por esse motivo a afetividade na relação professor-aluno, levando em contexto não apenas a relação entre ambos, mas sim algo que abranja todo um contexto social deve ser assentada em apreço. O aluno em um meio educacional não se correlaciona apenas com um indivíduo – o ambiente escolar é de caso um grupo social – no entanto, é por meio dessa relação que ele estabelece um vínculo com a instituição escola e logo com todo o meio na qual ela pertence. Sendo assim, o elementar laço afetivo neste contexto é o vínculo professor-aluno.

Na relação pedagógica o que se aprende não é tanto o que se ensina (conteúdo), mas sim o tipo de vínculo educador-educando que se dá na relação (GARCIA apud SILVA, 1995, p. 69).

A grande influência no desenvolvimento intelectual e na aceitação do ser individual e social do aluno passa pelo professor, pois, o método educativo é, além disso, um processo de inclusão social, de relações interpessoais entre – no início do processo – dois sujeitos, professor e aluno e mediatizado pela relação com o conhecimento e o saber didático.

Se a relação nesse processo não for satisfatória, o educando não tem as condições de se construir de forma equilibrada.

No decorrer do próximo capítulo deste trabalho estaremos proporcionando o ponto de vista de vários educadores da Escola Municipal Maria Coelho. E quão intensamente com um trabalho voltado para um relacionamento amistoso entre docente e educando, é um instrumento agora habitual para a melhoria, não apenas do processo de ensino-aprendizagem, mas também para o ambiente do grupo social que ali convivem.

3. A RELAÇÃO DE AFETIVIDADE ENTRE ALUNOS E PROFESSORES DA ESCOLA MUNICIPAL MARIA COELHO.

No presente capítulo será apresentado o resultado de uma investigação de campo acerca da afetividade no desenvolvimento do aprendizado dos alunos da Escola Municipal Maria Coelho. Demonstrando como ocorre o processo de construção de um ambiente voltado para um relacionamento amistoso entre docentes e educandos, assim como, evidenciar como a afetividade é um instrumento que não apenas contribui no processo de ensino-aprendizagem, mas também, para o ambiente do grupo social que ali convivem.

Desse modo, este estudo procura refletir acerca das dimensões de construção de um espaço afetivo e, como o mesmo atua na promoção de uma melhor qualidade educacional. Mostrando também, os desafios que são apresentados aos professores a alunado frente a elaboração de um ambiente escolar acolhedor.

Diante disso, o estudo foi desenvolvido na Escola Municipal Maria Coelho¹, que fica localizada na zona urbana do município de São Bernardo – MA, que funciona no período matutino e vespertino. A mesma é uma instituição municipal que atende alunos que cursam de 6º ao 9º ano do ensino fundamental maior, esses estudantes são originários da cidade de São Bernardo – MA, assim como, tem alunos da zona rural do município.

A pesquisa foi aplicada junto a quatro (4) professores. Os professores possuem idades que variam de 32 a 50 anos de idade, sendo três (3) mulheres e um (1) homem, onde dois (2) são moradores da cidade de São Bernardo – MA, um (1) moram em Parnaíba – PI, um (1) reside na cidade de Santa Quitéria – MA. Os alunos que participaram da pesquisa, foram 44 estudantes com idades que variam de 12 a 15 anos de idade, sendo vinte três (23) do sexo feminino e vinte e um (21) do sexo masculino. A pesquisa de campo foi realizada no período de maio a junho de 2019, por meio de observações do ambiente escolar, conversas com o alunado, professores e direção da escola. Para obtenção dos dados recorreu-se ao uso de questionários estruturados, que foram aplicados aos alunos e professores em dias diferenciados, na própria escola.

¹ Será usado um nome fictício para preservar o anonimato da instituição e dos agentes envolvidos na pesquisa.

3.1 Os professores e a afetividade.

Nesse momento se trará para reflexão a resposta dos professores sobre a concepção dos mesmos acerca da afetividade, a contribuição da mesma para melhor aprendizagem dos alunos e, sobre as formas que o professor pode expressar essa afetividade no convívio com os estudantes. Os professores relatam sobre as principais dificuldades para estabelecer uma convivência com os alunos e qual o papel dos mesmos enquanto docentes para um melhor desenvolvimento dos alunos.

1º pergunta: O que você entende por afetividade?

Professor 1 - “É a capacidade que temos de nos aproximarmos das pessoas, criar laços, despertar no outro a confiança, o carinho, se deixar envolver por sentimentos e emoções”.

Professor 2 - “É uma situação que nos permite demonstrar os nossos sentimentos e emoções a outro ser ou objetos”.

Professor 3 - “É um laço criado entre as pessoas, permitindo nos relacionar umas com as outras, respeitando as diferenças existentes em cada um”.

Professor 4 - “Compreendo que é um sentimento de amor, simpatia, companheirismo, ajuda, respeito. Tão difícil aos dias atuais”.

Ao considerar as respostas dos professores sobre a compreensão dos mesmos sobre o que seria afetividade, o Professor 1 e Professor 3 mencionaram que afetividade seria a capacidade de nos aproximarmos das pessoas, criando laços de confiança, estabelecendo o respeito as diferenças. Já o Professor 2 disse que é por meio da afetividade que se pode dar demonstrações dos sentimentos a outra pessoa. Enquanto o Professor 4 enfatizou que seja um sentimento de amor, simpatia, ajuda ao próximo e companheirismo, porém, segundo o mesmo tais emoções são bastante raras nos dias de hoje.

Percebe-se que, que o “termo afetividade é compreendido como sinônimo de querência, emotividade, amizade, amor, afeiçoamento, afetuosidade, afeição e carinho” (PACHECO, 2014, p.8). Os professores participantes da pesquisa compreendem a dimensão da importância da afetividade no estabelecimento das relações humanas. Porém, não relacionam os aspectos afetivos com o processo educacional, os mesmos se restringem a elucidar sobre a afetividade nas relações humanas, mas, não dentro do ambiente educativo.

Diante disso, tornou-se importante questionar os professores sobre a percepção dos mesmos acerca da importância da afetividade para a melhoria do aprendizado dos alunos, onde eles responderam:

2º pergunta: Você acredita que a afetividade contribui para melhor aprendizagem do aluno? De que maneira isso ocorre?

Professor 1 – “Com certeza, a afetividade tem uma grande influência em todas as atividades da sala de aula, causando um grande impacto positivo na aprendizagem, eles aprendem, se esforçam e conseqüentemente se desenvolvem melhor quando encontram afeto, carinho e atenção em sala. Porém, não é fácil para o professor, alcançar a todos em uma sala, principalmente, quando está lotada”.

Professor 2 – “Sim. A afetividade é de suma importância na educação, para uma escola construída a partir do respeito, solidariedade, autonomia de ideias tem que existir afetividade. Quando o discente sente-se querido (a) respeitado (a) pelo professor (a) que demonstra tal atitude com certeza este aluno sentirá o desejo de aprender”.

Professor 3 – “Sim. Ajudando a criança a se desenvolver com segurança, melhorando sua capacidade cognitiva e no seu interesse em aprender e se desenvolver”.

Professor 4 – “Com atividades que tornem as aulas num ambiente prazeroso, despertando a curiosidade e deslumbrante, o encanto ao ensino aprendizagem”.

Como se pode observar nas repostas dos professores todos acreditam na importância da afetividade para o processo de aprendizado dos alunos. O Professor 1 enfatizou que a mesma possui grande influência em todas as atividades realizadas em sala de aula. Segundo Pacheco (2014) a “afetividade é capaz de derrubar muitos obstáculos que possam surgir no dia a dia na escola, como a baixa estima e a falta de interesse pelas aulas”. Um relacionamento afetivo pode impulsionar o interesse dos estudantes pelas aulas, pois, é visível que o aprendizado ocorre de uma melhor forma quando é incentivado por relações de afeto, companheirismo e confiança.

Segundo a fala da Professora 2 quando o aluno sente-se querido e respeitado pelos professores, o mesmo sentirá o desejo de aprender. Conforme Pacheco (2014, p. 9) “quando uma criança sente-se amada, querida e respeitada, com certeza vai tentar retribuir esse mesmo sentimento para o seu professor com o interesse e o desejo de aprender”. Desse modo, comprova-se que o afeto e o acolhimento são importantes também no cotidiano escolar, trata-se de importantes ferramentas para o acesso ao educando.

Como enfatiza Cunha (2008, p.51):

Em qualquer circunstância, o primeiro caminho para a conquista da atenção do aprendiz é o afeto. Ele é um meio facilitador para a educação. Irrompe em lugares que muitas vezes estão fechados às possibilidades acadêmicas. Considerando o nível

de dispersão, conflitos familiares e pessoais, e até comportamentos agressivos na escola, hoje em dia seria difícil encontrar algum outro mecanismo de auxílio ao professor mais eficaz.

A conquista da atenção e afeto do educando caracteriza-se como um primeiro caminho a ser percorrido no processo de seu aprendizado. Já que, o ato de educar não está vinculado apenas em transmitir o conhecimento, mas também, em fornecer oportunidade para que o aluno possa aprender e buscar suas próprias verdades. Dessa forma, deve-se fazer uso de diversos meios no intuito de que o aluno tenha prazer em estudar (CUNHA, 2008).

Moreno et al (1999, p.32) enfatiza que quando o aluno sente que é importante e valorizado, tende a desenvolver um carinho e um maior interesse por aquilo que está recebendo e sentindo, desse modo, o mesmo presta mais atenção às aulas, torna-se mais participativo. O desenvolvimento da afetividade no ambiente escolar proporciona a desconstrução de barreiras psicológicas e sociais que possam comprometer o grau de aprendizado do estudante. Portanto, “o afeto tem esse poder: derrubar muralhas emocionais, romper bloqueios psicológicos, promover um bem-estar no aluno, e até mesmo evitar que o mesmo fique a mercê de mazelas sociais”.

Como enfatiza Moreno et al (1999, p. 33):

A falta afetiva na escola ou em casa e o desconhecimento das formas de interpretação e de respostas adequadas perante às atitudes, condutas e manifestações emotivas das demais pessoas deixarão os alunos a mercê das mazelas sociais (a falta de referencial, o vício, a marginalidade a ociosidade, entre outros fatores que corrompem a juventude).

A ausência de uma relação de afetividade nas relações humanas, em especial. Na escola, no ato de educar pode comprometer o desenvolvimento dos jovens. Pois, a escola precisa se atentar para qual sua função na sociedade e, a partir disso, como instituição, tem-se o dever de pensar em uma escola que forme cidadãos capazes de atuar e transformar a realidade (CUNHA, 2008). Diante disso, os professores foram questionados sobre o que a falta de afetividade na relação professor e aluno pode acarretar para o desenvolvimento dos mesmos.

3º pergunta: Em sua opinião o que a falta de afetividade na relação professor e aluno pode acarretar para o desenvolvimento do aluno?

Professor 1 – “Pode gerar no aluno muitas sequelas e atrasar o seu desenvolvimento, visto que, já é cientificamente comprovado que eles aprendem mais e melhor quando eles gostam do professor, quando há uma boa relação professor/aluno”.

Professor 2 – “Muitos dos nossos alunados vem de lares desestruturados, com falta de afeto, cabe ao docente identificar e procurar entender o que se passa na vida diária dele. Dessa forma, acredito que uma relação não afetiva com professores e alunos não se pode haver uma situação de aprendizagem”.

Professor 3 – “Acredito que possa afetar sua capacidade de aprendizagem, seu desenvolvimento psíquico e afetivo, e sua relação com os colegas”.

Professor 4 – “O medo, o receio e o afastamento, faz os alunos ficarem distantes. Deve-se praticar as atividades lúdicas para melhorar o convívio escolar”.

Nas respostas dos professores pode-se identificar que todos acreditam que a ausência de uma relação afetiva no ambiente escolar pode ocasionar danos para o aprendizado dos alunos. De acordo com Segundo (2007) ter consciência da importância das relações afetivas que se desenvolvem de forma sensível e predominante nos momentos de mediação cotidianas está em conformidade com a ideia de educação em seu sentido mais humana. Os professores participantes da pesquisa compreendem que é de muita importância o estabelecimento de relações afetivas para o melhor desenvolvimento da aprendizagem de seus alunos.

Dessa forma, Temponi (1997, p. 55) enfatiza que:

[...] através das relações afetivas satisfatórias e da sua comunicação que os professores podem facilitar a imitação, a oposição e a identificação por parte de seus alunos; assim como a partir do momento em que as relações afetivas entre eles são insatisfatórias, a comunicação torna-se difícil e os alunos deixam de investir afetivamente na imagem dos seus professores, atenuando sua identificação.

Com base na citação, observa-se que é por meio das relações afetivas satisfatórias entre professor e alunos que se consegue conquistar a confiança dos estudantes, estabelecendo uma identificação dos mesmos com a imagem do docente. Tal fator impulsiona o melhor desenvolvimento do aprendizado dos alunos, assim como, seu próprio processo de formação humana. Pois, de acordo com Marx e Engels (1932), somente na “comunidade com outros é que cada indivíduo encontra os mecanismos para desenvolver suas faculdades em todos os aspectos; e apenas na coletividade, portanto, que a liberdade pessoal se torna possível” (MARX; ENGELS, 1932, p. 112). Conforme é exposto pelos autores, a vivência em comunidade proporcionar os mecanismos necessários para o desenvolvimento das faculdades em seus variados aspectos para o alcance de sua liberdade pessoal. Desse modo, o ambiente escolar constitui-se como uma comunidade que possui caráter harmonioso e acolhedor, para que o aluno sinta-se representando e estimulado a participar ativamente deste ambiente.

O Professor 2 cita que, devido a falta de afeto na casa dos alunos, pois, em muitos casos, os mesmos pertencerem a lares com uma estrutura familiar conflituosa, gera um indivíduo que não consegue transmitir um carinho ao próximo. Cabendo ao professor identificar tais situações e se disponibilizar para ajudar este aluno, criar um ambiente de confiança através do diálogo. É visível que no contexto escolar, é essencial que a existência de uma interação entre aluno e professor favorece o desenvolvimento e o aprendizado. De modo que, pequenas atitudes como “um sorriso, uma escuta ativa e uma atitude respeitosa são fundamentais quando o educador introduz afetividade na relação professor aluno, pois tais elementos são combustíveis imprescindíveis para a adaptação do aluno bem como a segurança, o conhecimento e o desenvolvimento do aluno” (SEGUNDO, 2007, p.25).

Como se observa, uma relação de afeto entre professor e aluno pode favorecer ao desenvolvimento humano do aluno, que muitas vezes pertence a um ambiente familiar conturbado, onde não vivencia tais situações de afeto. Essa afetividade pode também impulsionar o interesse da criança e adolescente pelo aprendizado, pois, como afirma Mahoney (2000), o “professor e o aluno constituem um par unitário, indivisível quando analisamos o que ocorre em sala de aula. A aprendizagem é o resultado desse encontro” (MAHONEY, 2000, p.13). Diante disso, é muito importante que existe entre os mesmos uma relação harmoniosa e respeitosa.

O Professor 3 mencionou que a falta de uma relação afetuosa entre professor e aluno, pode produzir danos até mesmo no processo de interação com seus colegas. Segundo Salvador et al (2000 p. 153) nas relações interpessoais existem “duas fontes principais, embora não sejam exclusivas, de relações interpessoais no contexto escolar: as relações professor-aluno e as relações entre alunos”. Desse modo, a existência da afetividade no ambiente escolar, também favorece a construção de uma experiência afetuosa entre os alunos, onde os mesmos aprendem a conviver e respeitar as diferenças.

Após os professores demonstrarem compreender as dimensões que implicam a ausência de afetividade na relação com seus alunos. Questionou-se aos mesmos sobre a maneira o professor pode expressar a afetividade no convívio com seus alunos, as respostas seguem abaixo:

4º pergunta: De que maneira o professor pode expressar a afetividade no convívio com seus alunos?

Professor 1 – “Muitas vezes, não é fácil criar uma boa relação com os alunos. São vários os fatores que dificultam essa relação de afeto, a sala lotada é um dos fatores. No entanto, o professor tem que

está disposto a ouvi-los com atenção, conhecer sua história, valorizá-las, dar voz, se aproximar sem julgamento e rótulos”.

Professor 2 – “É se preocupar com seus alunos é reconhecê-los como seres humanos individuais e que cada um tem uma história diferente. É pergunta-los: como vocês estão hoje? Tá tudo bem? Porque você não veio na aula anterior? O que aconteceu? A sua atividade você conseguiu desenvolver? Quer ajuda? Esses são alguns dos questionamentos que fará com que o aluno sinta, que o professor se importa com ele”.

Professor 3 – “Buscando conhecer a realidade de seu aluno, respeitando as diferenças, estimulando o aluno a desenvolver suas habilidades físicas e psíquicas”.

Professor 4 – “Sendo educado e sincero, ao falar, respeitando os alunos e praticando a justiça, humildade e honestidade, com amor ao próximo”.

O Professor 1 mencionou que muitas vezes não é fácil construir uma boa relação com os alunos, que em sala lotada é difícil estabelecer um contato afetivo com todos de um modo diferenciado. Mas, mesmo diante dessas dificuldades é preciso que o professor esteja disposto a ouvir os alunos com atenção e sem julgar sua situação.

O Professor 4 enfatizou que o professor pode expressar a afetividade no convívio com seus alunos por meio do respeito, que o professor precisa praticar a justiça e honestidade em sala de aula. Sobre isso, Segundo (2007) diz que:

[...] os adolescentes são afetados pela raiva, quando acusados injustamente, desrespeitados, humilhados na frente de outras pessoas, bem como em situações nas quais não existe diálogo entre aluno e professor, e quando este último apresenta atitudes autoritárias (SEGUNDO, 2007, p. 23).

Atitudes de respeito e justiça frente às situações do cotidiano escolar devem ser consideradas de extrema importância na atuação docente. De acordo com a citação, os estudantes são afetados por um sentimento de raiva quando são vítimas de uma acusação falsa, ou seja, situações de injustiça. Tais comportamentos por parte do professor em relação ao alunado pode gerar uma ausência de confiança e dificultar a vivência entre o docente e estudante e, conseqüente, o aprendizado deste segundo. Pois, vale ressaltar “que a afetividade não acontece apenas no contato físico; questionar a capacidade do aluno, valorizar seu trabalho, reconhecer seu esforço e incentivá-lo sempre, estabelecem forma cognitivas de aprendizagem” (CAVALCANTE, 2005, p.56).

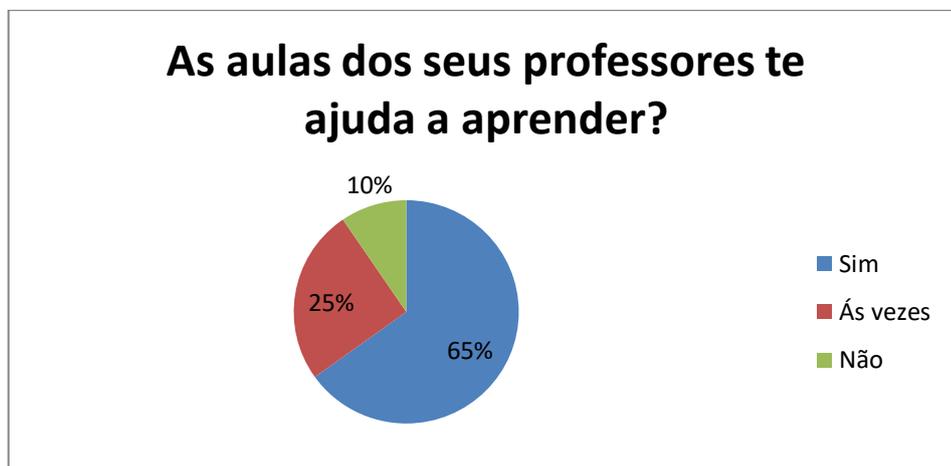
Diante disso, se observar que ambos os professores que são os pequenos gestos de respeito, valorização, dar voz e perceber a realidade do aluno, são muito importantes para construir um ambiente favorável ao desenvolvimento não só do conhecimento, mas, favorece também a formação de um ser humano autônomo, solidário, justo e afetivo com seu próximo.

3.2 A afetividade no processo de aprendizado dos alunos.

Após apresentar as percepções dos professores acerca da afetividade e, como a mesma se manifesta no ambiente escolar. Agora irá ser apresentado a compreensão dos alunos sobre essa relação de afetividade dos mesmos com os seus docentes, onde os mesmos irão destacar que aspectos são importantes para uma relação de harmonia com seus professores e, como isso pode incentivar os mesmos no processo de aprendizado.

Com base nisso quando foram questionados sobre se as aulas dos seus professores ajudavam a aprender, os mesmos responderam que:

Gráfico 1



Fonte: Questionário aplicado aos alunos da Escola Nilza Coelho Lima.

Como se pode observar no gráfico acima 65% dos alunos destacou que as aulas de seus professores os ajudam a aprender, enquanto que 25% deles enfatizaram que somente às vezes esse aprendizado acontece e, cerca de 10% dos alunos disseram que as aulas não os ajudam no aprendizado de algum conteúdo.

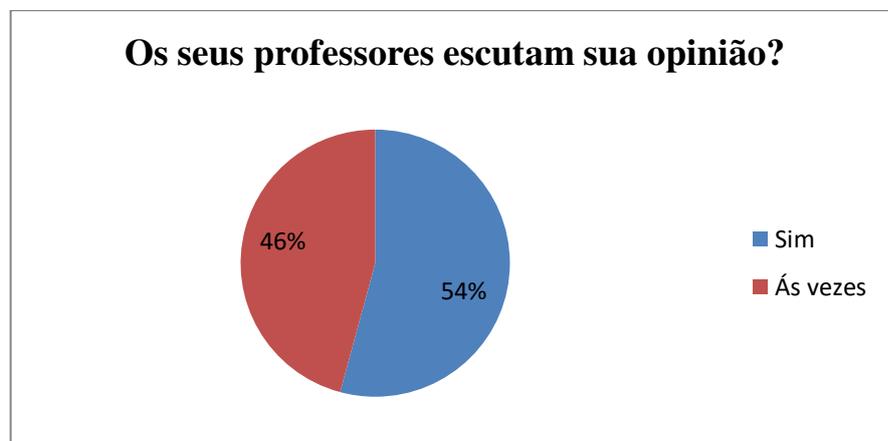
Diante disso, observa-se que, uma porcentagem dos alunos não considera as aulas dos professores um elemento que os ajudam a compreender um conteúdo. Conforme os estudos de Silva; Renk (2015) é necessário um ambiente acolhedor e afetivo para que os estudantes sintam-se estimulados ao aprendizado. Percebe-se que crianças e adolescentes “apresentam também um pouco maior a dificuldade no aprendizado, e que muitas vezes a dificuldade de desenvolver certas habilidades, acaba inibindo-as e tornando as mesmas tímidas ou então agressivas. É a forma que encontram de demonstrar a falta de afeto e compreensão”.

A ausência de uma relação afetiva entre o professor e aluno pode influenciar de modo negativo no aprendizado dos alunos. Pois, a fase da adolescência é um momento em que os jovens encontra-se com o seu psicológico em processo formativo, onde as experiências vivenciadas no seu cotidiano interferem diretamente no seu aprendizado (SEGUNDO, 2007). Desse modo, acredita-se que o afeto motiva para tal envolvimento e, os levará a uma melhor aprendizagem fazendo melhorar o convívio social (SILVA; RENK, 2015).

É importante que o professor se atente sobre as formas como está se desenvolvendo o processo de ensino de determinado conteúdo. Perceber as dimensões da explicação de determinado assunto, observar se os estudantes estão conseguindo compreender o que estar sendo repassado. Esse tipo de atenção do professor acerca da percepção dos alunos sobre determinado assunto, só é possível quando existe um sentimento de afetividade e confiança entre aluno e docente.

Diante disso, quando questionou-se os alunos sobre se seus professores escutavam sua opinião, as respostas encontram-se traduzidas no seguinte gráfico.

Gráfico 2



Fonte: Questionário aplicado aos alunos da Escola Nilza Coelho Lima.

Como pode-se observar no gráfico acima, 54% dos alunos dizem que suas opiniões são escutadas pelos professores, enquanto que 46% dizem não serem ouvidos e compreendidos por seus docentes. É visível que, muitos alunos sentem que não tem suas ideias e concepções ouvidas e compreendidas pelos professores e, isso pode ocasionar em ausência de confiança entre aluno e docente.

Segundo os estudos de Freitas (2000), é tarefa do professor, ajudar o aluno para que o mesmo desenvolva suas capacidades. Porém, para isso se concretize é necessário

construir um ambiente propício para a aprendizagem, sendo importante uma relação de confiança, onde o docente valorize as percepções de vida apresentadas pelos alunos. Freitas (2000, p. 211) vem acrescentar afirmando que:

[...] professores na verdade são mestres, pois utilizam em suas aulas não só a argumentação oriunda da razão, mas também aliada a emoção estabelecendo assim o ambiente e o contexto necessário para o desenvolvimento da inteligência e da afetividade de seus alunos. Tocando e convidando significativamente seus alunos à aventura de se permitirem ser como são.

Diante da citação, percebe-se que o papel do professor é muito importante para a constituição de um espaço que possibilite aos educandos a possibilidade de dominar suas emoções, sentindo-se estimulado a aprender e perceber que seu mundo intelectual cresce em conjunto com seu mundo emocional (FREITAS, 2000).

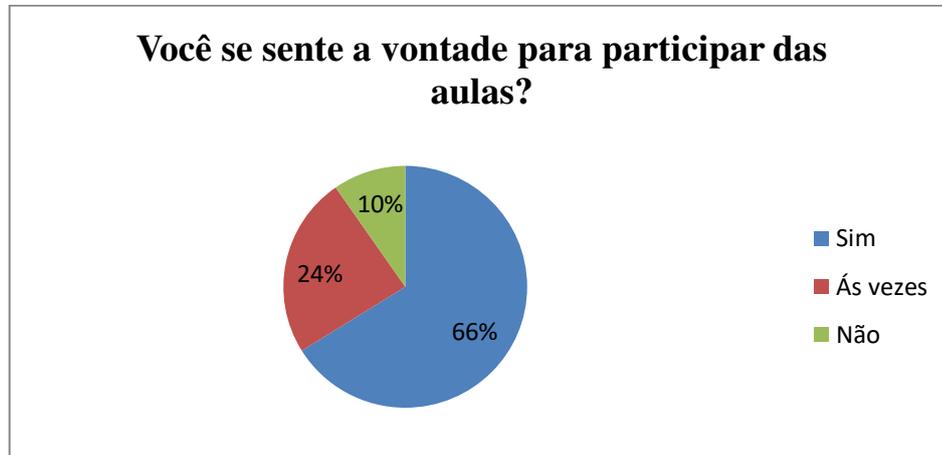
A valorização das percepções dos estudantes é muito importante dentro do processo educacional. Pois, como afirma Pivatto (2014, p.44), é necessário “estabelecer o conhecimento prévio do sujeito como referência explícita claramente que este é elemento básico e determinante na organização do ensino”. Sendo assim, o ensino deve ter como base o conhecimento prévio trazido pelo estudante, assim como, o respeito de suas opiniões no momento de trabalhar determinada temática em sala de aula. Ainda sobre isso, Ausubel, Novak e Hanesian (1980, p. 137), dizem que, “[...]se eu tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, diria isto: o fator singular que mais influencia a aprendizagem é aquilo que o aprendiz já conhece”. Ou seja, o diferencial no processo educacional é o professor elaborar metodologias que valorizem a realidade e as vivências trazidas por estes alunos, para que a partir destas, sejam construído planos de aprendizado que esteja em consonância com as experiências dos estudantes.

Desse modo, o docente deve demonstrar satisfação por estar em companhia dos alunos, evidenciando que respeita as opiniões dos educandos. E, que mesmo estas, sendo divergentes das suas, o importante é o respeito à diversidade das formas de pensar. Assim, o professor estará fazendo mais que simplesmente transmitir um conteúdo da matéria, estará conquistando a confiança de seus alunos, se tornando o porto seguro dos alunos. Sendo para os alunos alguém com quem podem conversar, pois, em muitos casos, esse diálogo já é o suficiente.

É preciso refletir que, quando os alunos têm suas opiniões respeitadas e valorizadas em sala de aula, os mesmos se sentem mais encorajados para participarem das discussões que ocorrem em durante a exposição de determinado conteúdo. Desse modo,

quando questionados sobre se os mesmos se sentem a vontade para participar das aulas, estes responderam que:

Gráfico 3



Fonte: Questionário aplicado aos alunos da Escola Nilza Coelho Lima.

Segundo o gráfico exposto acima, apenas 66% dos alunos sentem-se incentivados a participar de debates em sala de aula, 24% disseram que somente às vezes sente esse incentivo e, 10% afirmaram não sentirem-se esse estímulo a participação em sala de aula. Tal aspecto é preocupante, pois, a passividade do estudante frente aos conteúdos debatidos em sala de aula é um obstáculo dentro do processo educacional.

Conforme estudos de Longo (2007) diversos fatores podem contribuir para esta passividade dos alunos frente aos debates em sala de aula. Muitas vezes, nem sempre o professor quer dialogar e até mesmo faz tudo para impedir uma participação mais ativa para evitar que a sua autoridade e seus conhecimentos sejam questionados (DOZENA, 2008). Por outro lado, os estudantes podem não estar acostumados com aulas mais reflexivas e participativas, já que, desde os primeiros anos de vida escolar, tiveram aulas com aspecto tradicional em que somente o professor fala e os alunos simplesmente escutam, fazendo anotações em seus cadernos (LONGO, 2007).

Longo (2007, p.2) afirma que a “passividade dos alunos em sala de aula é um grande obstáculo para uma educação transformadora”. Para que a produção de conhecimento ocorra de modo transformador e reflexivo, é preciso estimular nos estudantes a vontade de participar dos debates que são realizados em sala de aula. É fundamental superar a passividade do aluno para que ele se torne não apenas um bom profissional, mas um cidadão consciente. Diante disso, a existência de uma relação de confiança entre professor e aluno é

importante, pois assim, os estudantes se sentem confiantes e incentivados a participar, sabendo que suas percepções de mundo serão respeitadas. Pois, em muitos casos os alunos sentem-se envergonhados ao se pronunciar em público, ou seja, “alguns alunos temem passar pelo ridículo diante de seus colegas de classe, e por isso costumam não se pronunciar em voz alta” (LONGO, 2007, p.6).

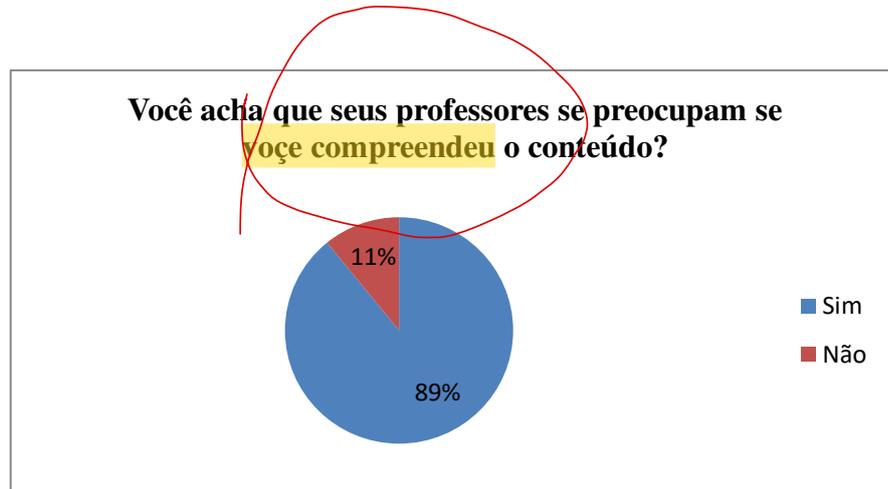
Desse modo, uma relação de afetividade dentro do processo educacional é de suma importância, pois, possibilita a existência de uma relação de confiança entre professor e aluno. Sobre este assunto Barbosa (2001, p.100) afirma que: “[...] é urgente lembrarmos que, para aprender, é necessário um vínculo afetivo positivo com o conteúdo a ser aprendido, um ambiente que leve em consideração os aspectos de Ser Humano, do educador e do aprendiz, e a função social do ensino/aprendizagem”. Uma relação pautada no afeto, compreensão e respeito, propicia a construção de um ambiente harmonioso favorável ao aprendizado dos estudantes.

Na perspectiva vygotskyana, a cognição e o afeto se apresentam como elementos indissociados no ser humano, onde se inter-relacionam mutuamente ao longo de toda a história do desenvolvimento do indivíduo (REGO, 1995). Dessa forma, a construção de conhecimento está intimamente associada à existência de um espaço escolar afetivo, que valorize e respeite a diversidade das formas de pensar. De acordo com Silva e Renk (2015, p.2) “processo de ensino aprendizado pode ser beneficiado quando o professor e o aluno buscam conhecimento mútuo de suas necessidades, respeitando-se as diferenças”.

A relação de afeto entre professor, aluno e conteúdo, propicia um ambiente de harmonia que favorece o aprendizado dos alunos. Proporcionar um espaço de confiança, onde o aluno pode se expressar livremente, sem qualquer receio ou medo de repressão é uma conquista dentro do processo educacional. Pois, a “[...] relação sujeito-objeto é marcada pelo entrelaçamento dos aspectos cognitivos e afetivos [...]” (SILVA, RENK, 2015, p.3), que estarão mediando as relações que são estabelecidas no processo de ensino e aprendizado.

Seguindo a trajetória analítica deste trabalho, quando questionados sobre se eles acham que os seus professores se preocupam se eles haviam compreendido o conteúdo trabalhado em sala de aula, os alunos responderam conforme informa o gráfico abaixo.

Gráfico 4



Fonte: Questionário aplicado aos alunos da Escola Nilza Coelho Lima.

Com base no gráfico, 89% dos alunos dizem que seus professores se preocupam com o grau de assimilação dos mesmos acerca dos conteúdos trabalhados em sala de aula, enquanto que, 11% dos alunos afirmaram que seus docentes não se preocupam se os mesmos compreendem os conteúdos discutidos em aula. Nota-se que, uma porcentagem de alunos acredita que seus professores possuem certa preocupação sobre seu processo de aprendizado, isso demonstra que as relações em sala de aula devem ir além do ensino decorado com técnicas mecanicistas de aprendizado. Deve estar centrado no estabelecimento de uma relação afetuosa com entre os agentes participantes de tal processo educativo.

Vasconcelos (2004) afirma que em meio ao processo de aprendizado, o afeto se apresenta como um compromisso do docente para com o desenvolvimento do seu educando.

Nos momentos de aprendizagem, a afetividade vem como compromisso do professor em atentar ao seu aluno e criar meios para que aconteça um aprendizado efetivo e significativo. Esse comprometimento é um ato afetivo, se não com o aluno, em respeito a sua opção profissional. Isto requer refletir que, apesar de todos os percalços, devem-se encontrar as brechas para desenvolver na prática aquilo que se acredita. As práticas dos professores e sua dedicação aos alunos revelam, além de comprometimento, afeto (VASCONCELOS, 2004, p. 12).

A existência de uma preocupação do docente com o aprendizado do aluno é resultado de uma relação afetiva entre professor e aluno. Dessa forma, se destaca não somente uma situação de transmissão de conteúdo, mas, existe um sentimento de afeto, em que o docente sente-se na responsabilidade de garantir formas que possibilitem o aprendizado significativo a seus alunos. A afetividade no desenvolvimento humano, especialmente no processo educacional, envolve o “acreditar que a criança é capaz de se tornar uma pessoa mais autônoma nas resoluções de problemas em sua vida e ser socialmente participativa ao interagir com o meio”. O processo de ensino aprendizagem deve se encontrar atrelado ao desenvolvimento das relações de afetividade e empatia para com o outro, percebendo e

respeitando as limitações do outro. No caso do professor a construção de metodologias que ampliem as possibilidades de aprendizado do aluno, constitui-se como uma evidência da relação de afeto no ensino.

Segundo Wallon (2006):

Nas situações cotidianas de conflito, a professora pode intervir ampliando as possibilidades da criança de negociação com o outro. Uma convivência baseada no respeito, uma relação afetiva positiva entre professor e aluno colabora no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno (WALLON, 2006, p.20).

Nos estudos de Wallon (1986) a dimensão afetiva que é de fundamental importância dentro das reações humanas, “seja do ponto de vista da construção da pessoa, como do ponto de vista do conhecimento, é portanto, marcante para o desenvolvimento da humanidade” (DANTAS, 1992, p.85). As relações de afetividade são muito importantes para a manutenção do convívio social, desse modo, o estabelecimento desse afeto no processo educacional se apresenta como elemento positivo para que alunos e professores possam construir juntos um ambiente de completo aprendizado.

[...], a separação entre emoção e cognição, afetividade e aprendizagem é puramente metodológica, artificial e não pode transforma-se num princípio para orientar procedimentos teórico-metodológicos no processo de escolarização do indivíduo (BEZERRA, 2006, p. 24).

Conforme a citação de Bezerra (2006), não se deve considerar uma separação entre a emoção e a cognição, pois, ambas devem permanecer juntas na construção de um processo de aprendizado. Toda atividade cognitiva, ou seja, “todo o armazenamento organizado de informações da criança implica em sua origem, seu desenvolvimento ou sua conclusão, inevitáveis componentes afetivos que por si mesmo impulsionam a aprendizagem” (WALLON, 1986, p. 22). Desse modo, vê-se que o processo de aprendizado encontra-se intimamente interligado os aspectos afetivos que são desenvolvidos e construídos no ambiente escolar. Onde as práticas educacionais devem estar constantemente relacionadas com a afetividade e com o comprometimento do educador com o aprendizado do educando, proporcionando assim, um desenvolvimento cognitivo efetivo dos educandos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo procurou realizar uma análise das relações de afetividade que se estabelecem entre os professores e estudantes da instituição municipal de ensino público, a Escola Municipal Maria Coelho, localizada na zona urbana da cidade de São Bernardo – MA. Por meio desta pesquisa foi possível construir um quadro analítico das percepções de alunos e professores sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem do estudante.

Com base nos dados da pesquisa, observou-se que, no ambiente escolar é comum as situações cotidianas de conflito, desse modo, cabe ao professor articular métodos de intervenção, proporcionando possibilidades ao adolescente de estabelecer uma negociação com o outro. Para que isso se concretize, torna-se necessário uma convivência que se sustenta no respeito ao próximo, ou seja, diante disso, se percebe que uma relação afetiva positiva entre professor e aluno colabora no processo de desenvolvimento e aprendizagem do aluno.

Constata-se que, a afetividade é algo que acompanha o indivíduo durante toda sua vida, e é totalmente atuante em toda a esfera instintiva do seu comportamento. O sujeito constrói todo seu relacionamento com o mundo exterior e suas emoções, pensamentos, sonhos, perspectivas, sentimentos e desejos, todos os aspectos que devem ser extremamente importantes de serem aproveitados na área educacional.

A dimensão afetiva é de fundamental importância dentro das relações humanas, ou seja, a essencial no processo de construção da pessoa, como para o desenvolvimento da humanidade. Dessa forma, as relações de afetividade se constituem como elementos de muita importância dentro do processo educacional, para a manutenção do convívio social, desse modo, o estabelecimento desse afeto na educação se apresenta como um fator positivo para que alunos e professores possam construir juntos, um ambiente de completo aprendizado.

É visível que, a afastamento entre os termos emoção e cognição, afetividade e aprendizagem é uma atitude meramente metodológica, com teor de artificialidade. Que não pode transforma-se num princípio de orientação dos processos teórico-metodológicos na ação de escolarização do indivíduo.

Somos seres afetivos, através das emoções temos a capacidade de existirmos em harmonia, mesmo entendendo a dissociação da razão e a emoção, não se pode negar que o estimula o homem e seu desenvolvimento são suas experiências socioculturais. Nosso intelecto não pode ser formado apenas de cognição, o homem não é um “ser programável”

alheio aos seus afetos e sentimentos. Uma formação humana deve estar enfocada num desenvolvimento pleno, o homem como um ente social.

Portanto, com base no presente estudo, confirmou-se a importância de uma relação de afetividade entre professores e alunos, para um melhor aprendizado dos estudantes. Desse modo, é errônea a atitude de tentativa de separação entre a emoção e a cognição, pois, ambas precisam permanecer juntas na constituição de um processo de aprendizado. Pois, toda atividade cognitiva, seu desenvolvimento ou sua conclusão se apresentam como, inevitáveis partes afetivas que por si mesmo impulsionam a aprendizagem. Desse modo, vê-se que o processo de aprendizado encontra-se intimamente interligado os aspectos afetivos que são desenvolvidos e construídos no ambiente escolar. Onde as práticas educacionais devem estar constantemente relacionadas com a afetividade e com o comprometimento do educador com o aprendizado do educando, proporcionando assim, um desenvolvimento cognitivo efetivo dos educandos.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- AUSUBEL, D. P; NOVAK, J. D.; HANESIAN, H. Psicologia Educacional. Rio de Janeiro: **Interamericana**, 1980.
- BARBOSA, Laura Monte Serrat. A psicopedagogia no âmbito da instituição escolar. Curitiba: **Expoente**, 2001.
- BEZERRA, Ricardo José Lima. Afetividade como condição para a aprendizagem: Henri Wallon e o desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistêmica**, v. 4, jul-dez de 2006. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/redsis/article/view/1219> Acesso em: 22/10/2019.
- CAVALCANTE, Meire. Como criar uma escola acolhedora. Nova Escola. São Paulo: Abril, nº. 180, p. 52-57, março de 2005.
- CAPELLATO, Ivan. CAPELLATO, Iuri. **Equação da Felicidade**: como lidar com a raiva de crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Papyrus, 2012.
- CUNHA, Antônio Eugênio. **Afeto e aprendizagem**. Rio de Janeiro: Wak, 2008.
- DANTAS, H. A afetividade e a construção do sujeito na psicogenética de Wallon. In: LA TAILLE et al. **Piaget, Vygotsky, Wallon**: teorias psicogenéticas em discussão. São Paulo: Summus, 1992.
- DOZENA, Alessandro. Uma breve análise sobre a postura dos alunos em sala de aula: pontos de vista sobre a indisciplina. **Geografia** - v. 17, n. 2, jul./dez. 2008. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/geografia> Acesso em: 22/10/2019.
- FREITAS, Nilson Guedes de. Pedagogia do Amor: Caminho da Libertação na relação professor aluno. 2ª ed. Rio de Janeiro: WAK, 2000.
- FIGUEIREDO, Cândido de. Novo Dicionário da Língua Portuguesa volume 2. São Paulo: Clássica, 1913.
- GIANCATERINO, Roberto. Escola Professor e Aluno. Editora: Madras, 2007.
- KIECKHOEFEL, J. C. As relações afetivas entre professor e aluno. Curitiba. 2011.
- KULLOK, Maisa Gomes Brandão. **Relação Professor-Aluno**: contribuições à prática Pedagógica. Maceió: Ufal, 2002.
- LONGO, Henrique Innecco. A importância da fala dos alunos em sala de aula. XXXV Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia – **COBENGE**, 2007.

- MAHONEY, A. A. Contribuições de Wallon para a reflexão sobre as questões educacionais. In: Placco, V. M. (Org.) *Psicologia & Educação: revendo contribuições*. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2000.
- MAHONEY, Abigail Alvarenga. ALMEIDA, Laurinda Ramalho de. Afetividade e processo ensino-aprendizagem: contribuições de Henri Wallon. *Psicologia da educação* [online]. 2007 p. 17.
- MARX, K. ENGELS, F. A ideologia alemã. Feuerbach - A oposição entre as concepções materialista e idealista. São Paulo: Martin Claret, 2004.
- MELLO, T. RUBIO, J. A. S. A Importância da Afetividade na Relação Professor/Aluno no Processo de Ensino/Aprendizagem na Educação Infantil. **Revista Eletrônica Saberes da Educação** – Volume 4 – nº 1 – 2013.
- MORENO, M. et al. **Falemos de sentimentos: a afetividade como um tema transversal**. São Paulo: Moderna, 1999.
- ORNELLAS, Maria de Lourdes Soares. Afetos e Manifestos em sala de aula. São Paulo: Annablume, 2005.
- PACHECO, Josemary de Souza. A afetividade na instituição escolar. Universidade Cândido Mendes. (Monografia). Recife, 2014.
- PEREIRA, J. C. **AFETIVIDADE: A importância da relação professor e aluno como fator motivacional no processo de ensino e aprendizagem**. 71 f. (Monografia), Universidade Federal da Paraíba - João Pessoa 2017.
- PIVATTO, Wanderley Brum. Os conhecimentos prévios dos estudantes como ponto referencial para o planejamento de aulas de matemática: Análise de uma atividade para o estudo de geometria esférica. **REVEMAT**. Florianópolis (SC), v.9, n. 1, p. 43-57, 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/1981-1322.2014v9n1p43> Acesso em: 22/10/2019.
- REGO, Teresa Cristina. **Vygotsky: uma perspectiva histórico-cultural da educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- SALVADOR, César Coll et al. *Psicologia do ensino*. Porto Alegre: **Artes Médicas Sul**, 2000.
- SEGUNDO, Thatiana. **Afetividade no processo de ensino-aprendizagem: a atuação docente que facilita ou dificulta a aprendizagem**. (Tese Mestrado) PUC/São Paulo, 2007.
- SILVA, Marcilene Rodrigues da. RENK, Elisônia Carin. Educação e a afetividade no processo de ensino-aprendizagem. UNOCHAPECÓ-São Lourenço do Oeste, 2015. Disponível em: <http://www.uniedu.sed.sc.gov.br/wp-content/uploads/2017/02/Marcilene-Rodrigues-da-Silva.pdf> Acesso em: 22/10/2019.
- TEMPONI, S.I. **Quem sou eu? O adolescente por ele mesmo**. (Tese Mestrado) Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1997.

VASCONCELOS, Mário Sérgio. Afetividade na escola: alternativas teóricas e práticas. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 616-620, maio/ago. 2004. Disponível em: Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br> Acesso em: 22/10/2019.

VIEIRA, A. S. LOPES, M. D. A afetividade entre professor e aluno no processo de aprendizagem escolar na educação infantil e séries iniciais. 66 f. (Monografia). Centro Universitário Católico Salesiano Auxilium, LINS-SP 2010.

WALLON, H. **As origens do pensamento na criança**. São Paulo: Manole, 1986.

_____. O desenvolvimento cognitivo da criança a partir da emoção. **Revista Didática Sistêmica**, vol.4, julho dezembro de 2006.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA O DOCENTE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA

CAMPUS DE SÃO BERNARDO – MA

CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA

DISCENTE: LUCIDALVA PEREIRA DA SILVA

ORIENTADORA: PROF^a. ESP. MARINÉA COSTA MARINHO

QUESTIONÁRIO PARA O DOCENTE

1. O que você entende por afetividade?
2. Você acredita que a afetividade contribui para melhor aprendizagem do aluno? De que maneira isso ocorre?
3. Em sua opinião o que a falta de afetividade na relação professor e aluno pode acarretar para o desenvolvimento do aluno?
4. De que maneira o professor pode expressar a afetividade no convívio com seus alunos?

APÊNDICE B – QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO – UFMA****CAMPUS DE SÃO BERNARDO – MA****CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS – SOCIOLOGIA****DISCENTE: LUCIDALVA PEREIRA DA SILVA****ORIENTADORA: PROF^a. ESP. MARINÉA COSTA MARINHO****QUESTIONÁRIO PARA O ALUNO**

1. As aulas dos seus professores te ajudam a aprender?
Sim () Não () Às vezes ()

2. Os seus professores escutam sua opinião?
Sim () Não () Às vezes ()

3. Você se sente a vontade para participar das aulas?
Sim () Não () Às vezes ()

4. Você acha que seus professores se preocupam se você aprende o conteúdo?
Sim () Não () Às vezes ()

APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CAMPUS DE SÃO BERNARDO
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

O Sr. (a) foi selecionado (a) e está sendo convocado (a) para participar da pesquisa intitulada “**A IMPORTANCIA DA AFETIVIDADE ENTRE PROFESSOR E ALUNO:** um estudo de caso na Escola Municipal Maria Coelho em São Bernardo – MA” que tem como responsável Lucidalva Pereira da Silva, orientada pela professora Esp. Marinéa Costa Marinho. Trata-se de uma análise das percepções de alunos e professores possuem sobre a importância da afetividade no processo de aprendizagem dos estudantes da instituição municipal de ensino público, a Escola Municipal Maria Coelho, localizada na zona urbana da cidade de São Bernardo – MA.

Suas respostas serão tratadas de forma anônima e confidencial, isto é, em nenhum momento será divulgado o seu nome em qualquer fase do estudo. Quando for necessário exemplificar determinada situação, sua privacidade será assegurada uma vez que seu nome será substituído de forma aleatória. Os dados coletados serão utilizados apenas nesta pesquisa. Sua participação é voluntária, isto é, a qualquer momento você pode recusar-se a responder qualquer pergunta ou desistir de participar e retirar seu consentimento. Sua recusa não trará nenhum prejuízo em sua relação com o pesquisador ou com a instituição que forneceu os seus dados, como também na que trabalha.

Sua participação nesta pesquisa consistirá em responder as perguntas a serem realizadas sob forma de entrevista.

Sr. (a) não terá nenhum custo ou quaisquer compensações financeiras. Não haverá riscos de qualquer natureza relacionada à sua participação. Desde já agradeço!

Lucidalva Pereira da Silva (Pesquisadora)

São Bernardo – MA, ____ de _____ de 2019

Declaro estar ciente do inteiro teor deste TERMO DE CONSENTIMENTO e estou de acordo em participar do estudo proposto, sabendo que dele poderei desistir a qualquer momento, sem sofrer qualquer punição ou constrangimento.

Sujeito da Pesquisa: _____

(Assinatura)